

PRANA FILMES

# BIO

roteiro de

Carlos Gerbase

versão 20 (07/12/2015) - fotos atualizadas (20/05/20)

**Sumário:**

PRÓLOGO

1959 - Tabela

1960 - Carnaval

1966 - Civilização

1969 - Confissão

1976 - Vestibular

1980 - Evolução

1985 - Zoo

1999 - Viamão

2003 - Rio de Janeiro

2014 - Nova Iorque

2024 - Medicina

2059 - Aniversário

2070 - Encélado

EPÍLOGO

**INFORMAÇÕES BÁSICAS PARA A COMPREENSÃO**  
**DE ASPECTOS ESTÉTICOS DESTES ROTEIROS**

(1) Todos os 39 personagens serão filmados como se estivessem dando uma entrevista para um personagem oculto, que está bem ao lado da câmera, quase no eixo ótico da objetiva (mas nunca olhando diretamente para ela).

(2) Os enquadramentos serão, em todas as cenas (com exceção do Epílogo), restritos a meio-primeiro-plano (da cintura para cima); primeiro-plano ou *close* (do peito para cima); e primeiríssimo-plano ou *big close* (do ombro para cima). A câmera estará sempre em posição frontal e ao nível dos olhos dos personagens. A alternância entre os tipos de planos acontecerá de acordo com as exigências narrativas e dramáticas de cada cena.

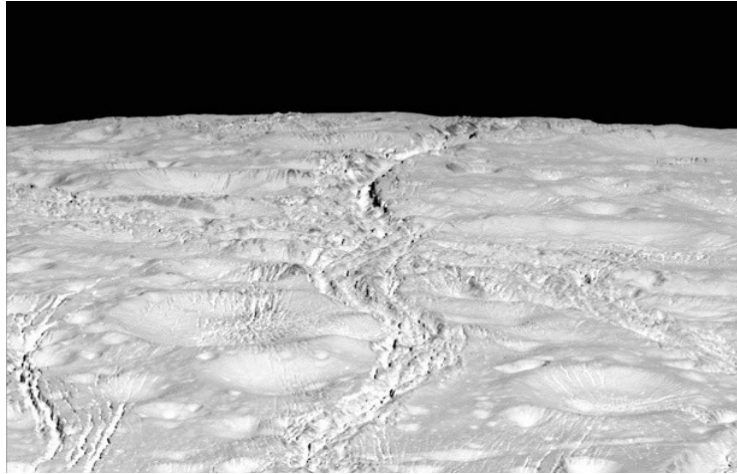
(3) Os cenários de todos os planos remeterão - através da decoração e de objetos de cena - ao ano em que o personagem está situado no roteiro. A adequação do personagem à época em que está se passando a história (que corresponde ao momento de sua entrevista) também será obtida através dos figurinos, da maquiagem e do tratamento estético dos cabelos.

(4) No Epílogo, cada um dos 13 planos terá um tratamento individual, que pode incluir enquadramentos abertos, movimentos de câmera ou de personagem, e outras estratégias destinadas a marcar o clímax da narrativa.

(5) No começo de cada cena, haverá apenas um cartão com as seguintes informações: ANO e TÍTULO DA CENA (conforme está listado no Sumário).

## PRÓLOGO

Imagens da superfície de Encélado (lua do planeta Saturno).



ENCELADANA - (OFF) Encélado é uma das luas de Saturno. Sua superfície é formada por gelo e parece inóspita para a vida. Mas, abaixo dessa crosta gelada, há um oceano. No pólo sul, a água é aquecida e ejetada como vapor. Nesse vapor, podem ser encontradas partículas orgânicas.

Enceladana, com backlight forte, fala para a câmera.

ENCELADANA - Água, calor e carbono. Componentes da vida, que por muito tempo se pensou só existir no planeta Terra. Mas encontrar uma vida é mais fácil que se comunicar com ela. Essa é a história do homem que sonhou falar com Encélado.

**CENA 1 - 1958 - TABELINHA**

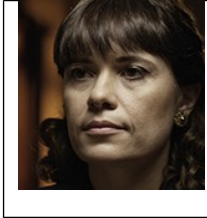
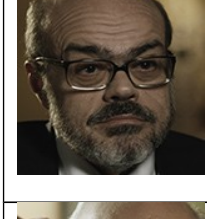
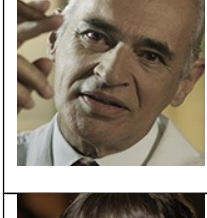
MÃE - 40 anos - Carla Cassapo - APTO. DA FAMÍLIA/NOITE



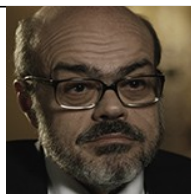

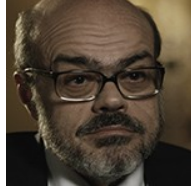
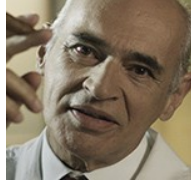
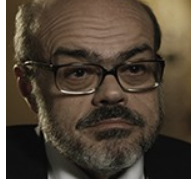

PAI - 50 anos - Artur Pinto - APTO. DA FAMÍLIA/NOITE

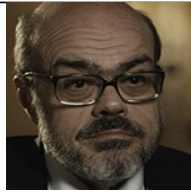

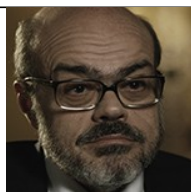


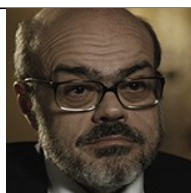


MÉDICO - 60 anos - Roberto Oliveira - CONSULTÓRIO/DIA




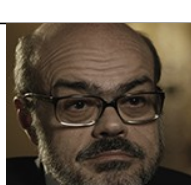
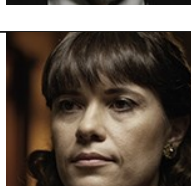
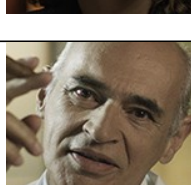
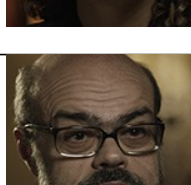
Quando acontece?


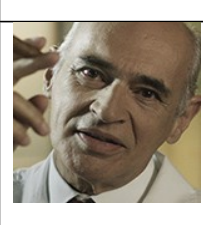


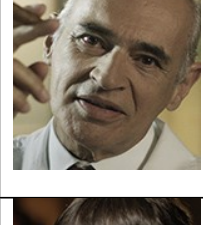
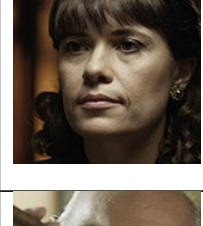
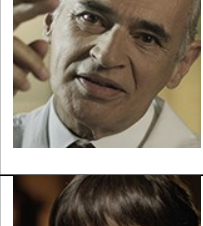

Um mês depois do nascimento, no dia em que a Mãe vai se confessar.

	Nós tínhamos um casal. O menino tava com dezenove, e a menina com quinze.
	Ele tinha passado no vestibular para Engenharia, e ela só pensava no baile de debutantes.
	Eles não queriam mais filhos. E eu sempre dizia que a opção mais segura era a camisinha.
	Era pecado. O Papa Pio XII tinha deixado isso bem claro. Nós... Até pecamos algumas vezes.
	Um pecado que não valia a pena. Botar a camisinha e ir pro inferno... Péssimo negócio.
	Então, como ela tinha um ciclo menstrual bem regular, eu ensinei a usar a tabelinha.
	Não é difícil de usar, depois que tu entende como o teu corpo funciona.




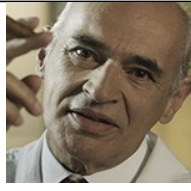

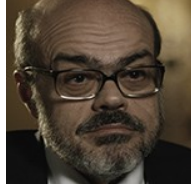

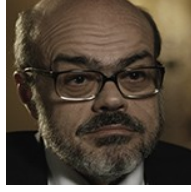
	A gente tem que prever o dia da ovulação, e pra isso se observa o ciclo menstrual.
	Eu anotava bem direitinho qual era o primeiro e o último dia da menstruação.
	Ela botou tudo no papel. Às vezes o ciclo é mais longo, às vezes mais curto.
	Aí é só fazer a tabelinha. O período fértil era do dia oito ao dia dezenove de cada ciclo.
	Nesse intervalo, era "Não". Mas nos outros dias era "Sim". Mais ou menos dois terços de "Sim" e um terço de "Não".
	Funciona para muitos casais.
	Se ela dizia "Não", era "Não". Paciência. Sem pecado, sem camisinha. Bom negócio.
	Eu deixava a tabelinha sempre na gaveta do criado-mudo. Qualquer coisa, era só olhar.


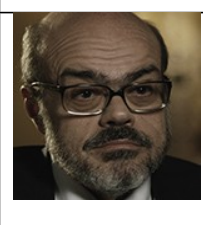

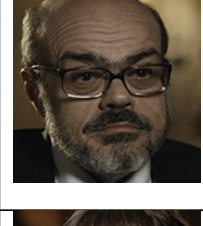
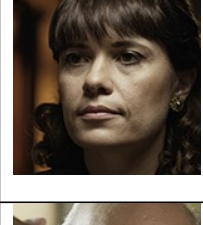
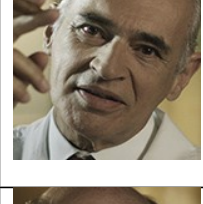
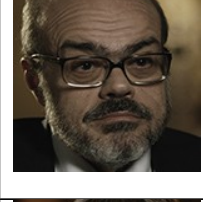

	Quando a gente ia pra praia, eu perguntava: pegou tudo. Tudo mesmo? E ela sabia do que eu estava falando.
	A gente se acostumou. E também ficou mais velho.
	Mas eu não tava morto. Nem ela.
	Com a idade, os ciclos ficam mais irregulares. Eu avisei, mas ela garantiu que o relóginho dela continuava bem pontual.
	Eu comprei uma camisola nova, e ele gostou. Eu olhei a tabelinha e... Era um dia "Sim".
	Nós nunca desobedecemos a tabelinha. Ela disse que era "Sim".
	Mas era um dia "Não". A tabelinha tem uma certa margem de erro. Na verdade, mais de dez por cento. Eu tinha avisado.
	A menstruação não chegava nunca. Mas a gente tinha feito tudo certo.

	Quando ela entrou no consultório, com aquela cara, eu já desconfiei. Fiz o exame e pedi um teste. Mas ela já sabia.
	Ela chegou em casa e disse que tinha feito o teste. Eu perguntei: que teste?
	Eu fiquei quieta. Só olhei pra ele.
	E aí... Entendi tudo. Eu tinha respeitado a lei de Deus e a tabelinha, mas nem Deus, nem a tabelinha, ligaram pra isso.
	Quem tem mais um filho depois de quinze anos? Era... Vergonhoso. A gente demorou mais de um mês pra contar.
	Aquela gravidez foi bem diferente das outras. Ela tinha dores e teve que ficar de repouso no último mês.
	Nosso filho até compreendeu. Não gostou nada, mas compreendeu.
	Mas a nossa filha chorou durante uma semana. E depois cancelou a festa de debutantes.

	Ia ser estranho. Ela toda bonita, dançando a valsa, e eu com um barrigão de oito meses...
	Eu achava que seria um parto normal, como os outros. Só que a data prevista chegou, e nada.
	Parecia um castigo.
	Castigo do quê? Ela me olhava como se eu fosse culpado. Ela disse que era um dia "Sim". Fazer o quê?
	Esperei uma semana. Fizemos mais alguns exames, e nem sinal. Zero de dilatação. Marquei a cesária.
	Custou caro. O hospital, os remédios, os exames, tudo.
	Eu não cobreí nada, mas o pós-operatório não foi fácil. Ela teve uma infecção. (pausa) E não queria amamentar o bebê.
	Eu nem pegava ele no colo. Não adianta me perguntar. Não sei porquê.

	Primeiro fiz alguns empréstimos. Depois vendi o carro.
	Eu sempre fui uma boa mãe, ou pelo menos tentei ser. Mas dessa vez eu não conseguia. Não tinha jeito.
	Finalmente voltamos pra casa. E era tudo na base da mamadeira.
	Eu estava péssima. Sentia meus seios cheios de leite, mas... Não era pra ele.
	Hoje de manhã, fiz uma visita e sugeri que ela procurasse um terapeuta.
	Grande ideia... E quem ia pagar?
	Minha fé tava vacilando pela primeira vez na vida.
	Comprei um estoque de camisinhas para o resto da vida e coloquei na gaveta do criado-mudo, aquela mesma da tabelinha.

	Hoje fui me confessar. Disse pro padre que a minha fé tinha fraquejado.
	Pra garantir, também comprei um negócio chamado creme espermaticida. Sabe como é...
	O padre disse que toda vida é uma dádiva de Deus. E que eu tinha sido abençoada pela Virgem Maria.
	A medicina tem seus limites. E a religião também.
	Então eu pedi que ele intercedesse por mim junto à Virgem pra ela me poupar de outras bênçãos daquele tipo.
	Ela chegou em casa da igreja e chorou.
	E ele chorou junto. A gente chorou tão alto que ficou com medo que os nossos filhos nos ouvissem.
	E ali, bem do nosso lado, tava o bebê. Um mês de vida, de olhos abertos, nos olhava do berço e até parecia... Que tinha pena da gente.

	Então, não sei como, peguei ele no colo e dei o seio. E ele sugou com tanta força que doeu. Doeu muito. Eu chorava de tanta dor.
	Eu disse: "É muito sofrimento. Dá a mamadeira".
	E aí eu disse: "Ele só chora quando tem fome. Nunca faz manha. Então eu tenho que aguentar."
	E ele continuou mamando...
	E meu seio continuou doendo, e eu continuei chorando, e então (1) percebi que, finalmente, eu tava sentindo amor pelo meu filho. OU (2) percebi que ele precisa de mim. O meu filho.
	<i>(Apenas sorri)</i>
	<i>(Apenas sorri)</i>
	<i>(Apenas sorri)</i>

**CENA 2 - 1960 - CARNAVAL**

IRMÃO - 21 ANOS - Mateus Almada - CORREDOR EDIFÍCIO/DIA


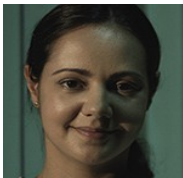
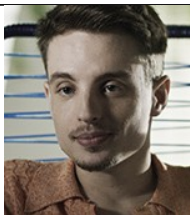
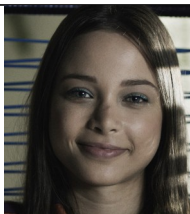
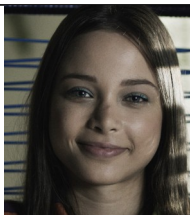
IRMÃ - 17 ANOS - Luisa Horta - CORREDOR EDIFÍCIO/DIA

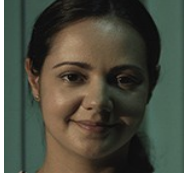


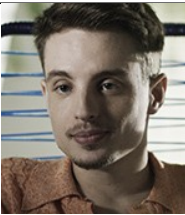

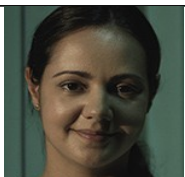
EMPREGADA - 25 ANOS - Lívia Perrone - CORREDOR EDIFÍCIO/DIA

Quando acontece?

Na quarta de cinzas, três dias depois dos eventos narrados.



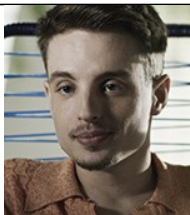
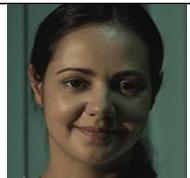
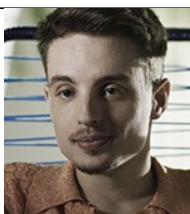
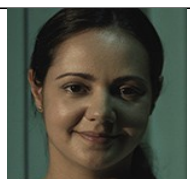
	Eu nunca gostei muito de carnaval, e a minha namorada também não. Quem gosta mesmo é a mana.
	Eu adoro! Da janela do nosso apartamento, dá pra ouvir a música que vem do Gondoleiros.
	Eu estou em Porto Alegre há dois meses. Sou de Rio Pardo. Tenho saudade da minha filhinha, mas... Ela ficou com a minha mãe.
	Então na sexta eu já fui pra casa dos pais dela, que tinham ido pra praia. Cama de casal... Sabe como é...
	Teve baile todas as noites. Minhas amigas estavam lá. E os amigos também. Mas eu só tinha ingresso pro baile de domingo. Pobreza...
	É um emprego bom. Limpo o apartamento e lavo a roupa. Cozinho duas vezes por semana. E posso estudar de noite.







	<p>O pai começou a se sentir mal no sábado. A mãe, como sempre, disse que ele tinha comido alguma coisa estragada.</p>
	<p>O patrão e a patroa tinham ido pro interior, de ônibus, visitar um filho que tem um sítio em Lavras do Sul.</p>
	<p>No domingo, pelas oito da noite, o pai piorou. A mãe pediu que eu voltasse pra casa.</p>
	<p>O pai berrava de dor.</p>
	<p>Sempre que os nossos vizinhos viajam, deixam a chave do carro com a gente.</p>
	<p>O mano pegou o carro e levou o pai e a mãe no Pronto Socorro. Eu fiquei cuidando do maninho.</p>





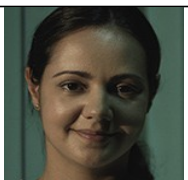


	<p>Eu fiquei cuidando da velha - quer dizer, desculpe, da vovó - durante todo o Carnaval. Oitenta e sete anos. Mas às vezes parece mais.</p>
	<p>Disseram que era apendicite. Ia ter que operar. A mãe ficou branca: a gente ainda tava pagando as contas de quando o maninho nasceu.</p>
	<p>Aí ela lembrou que tinha esquecido de deixar o leite pro bebê. Ele tinha um ano, mas ainda mamava no peito. E detestava mamadeira.</p>
	<p>Não sei como, a mãe conseguiu uma mamadeira com o leite dela e disse pra eu levar pra casa correndo.</p>
	<p>A gente deu a mamadeira, mas ele não tomou. Olhava pra nós com uma carinha tão triste... E começou a chorar.</p>
	<p>Comecei a ouvir um choro pelas onze da noite. Era bem alto. A vovó acordou, xingou a criança. Coitadinho, não chorava nunca.</p>

	<p>Liguei pro hospital e perguntei que horas a mãe voltava. Ela disse que o pai tinha sido operado e que ela tinha que dormir no hospital.</p>
	<p>Aí, bem nessa hora, pela janela aberta eu ouvi a banda tocar a primeira marchinha no baile.</p>
	<p>Eu percebi o olhar dela e falei: "Minha namorada tá me esperando".</p>
	<p>E eu disse: "Eu vou pro baile".</p>
	<p>"Não vai não."</p>
	<p>Ele era mais velho. E era homem. Eu ia acabar perdendo, como sempre. Mas aí eu tive a ideia.</p>





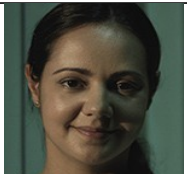


	A mana sempre foi muito esperta.
	Eu disse: "Sabe que a Colona gosta de ti?".
	A gente chamava ela de Colona, coitada. Era a empregada dos nossos vizinhos.
	"Outro dia perguntou quantos anos tu tinha."
	"Pode parar por aí."
	"Sabe que ela tem um filho pequeno em Rio Pardo?"

	"E daí?"
	"Daí que ela é experiente com bebês. <i>(pausa)</i> Vai dizer que tu não percebeu como ela te olha?"
	A mana planejou tudo. Eu só segui o roteiro.
	A campanha tocou e eu levei um susto. Graças a Deus, a velha - quer dizer, a vovó - não ouviu.
	Ela estava usando uma camisola daquelas compridas, sabe, uma coisa muito estranha, cheia de flores.
	Meu coração disparou. <i>(pausa)</i> Ele é o menino mais bonito que eu já vi na vida.

	<p>Eu expliquei a situação. Quer dizer, contei a história que a mana mandou contar.</p>
	<p>Ele falava olhando pra mim... Eu não conseguia prestar muita atenção.</p>
	<p>Ele sabe ser charmoso quando quer. Ela não tinha a menor chance.</p>
	<p>Terminei de falar e perguntei se ela achava possível fazer esse grande favor.</p>
	<p>Eu nem entendi direito o quê ele tava pedindo, mas eu disse que sim. Ele foi embora e eu fiquei esperando, bem abobada, na porta.</p>
	<p>O mano disse que ela tinha topado, e eu levei o bebê e a mamadeira.</p>
	<p>A menina, toda sorridente, me colocou o bebê no colo, enfiou a mamadeira na minha mão e disse que voltava cedo.</p>

	E... Pimba! Saí de mansinho.
	Que cara de pau...
	Os dois ainda passaram pelo corredor e me abanaram. E eu ali segurando o bebê. Ele olhou pra mim e começou a chorar. E chorar alto!
	A gente ainda ouviu o choro na escada. Deu um apertãozinho no coração, mas... Era carnaval.
	Entrei no apartamento, e ele continuava chorando. E a vovó ia levantar! O que eu ia dizer pra ela? Levei a criança de volta pro corredor.
	Deixei a mana na porta do clube e fui pra casa da minha namorada.
	O baile tava ótimo.

	Pra não ficar me sentindo culpado, pensava que a Colona tinha muito mais jeito com criança que a gente.
	Devia ser fome. Peguei a mamadeira e ofereci pro bebê.
	Contei tudo pra minha namorada. A gente riu, tomamos um monte de cervejas e fomos pra cama.
	Mas ele não quis a mamadeira. Eu gelei quando ouvi a voz da vovó, gritando lá do quarto dela: "Parece que essa peste tá do meu lado!".
	Eu gosto dessas marchinhas antigas. <i>(Começa a cantar)</i> "Ó jardineira por que estás tão triste? Mas o que foi te aconteceu?".
	Eu não sabia mais o que fazer. A velha ia levantar da cama. Então eu ouvi a música do baile.

	<p>(Cantando:) “Mamãe eu quero, mamãe eu quero, mamãe eu quero mamar!”.</p>
	<p>Quando eu decidi, foi incrível, porque eu senti os meus peitos se enchendo de leite.</p>
	<p>Ela tinha uma fantasia de empregada, sabe aquele avental curto com rendinhas e um espanador? Foi uma bela noite de Carnaval.</p>
	<p>Foi no baile que eu dei meu primeiro beijo de língua. Foi um só, mas... Valeu o esforço.</p>
	<p>Ele parou de chorar quando ofereci o peito. Mamou, mamou, mamou... E depois dormiu. Aí levei o bebê pro meu quarto. Ele parecia um anjo. Senti saudade da minha filhinha. (lacrimeja)</p>
	<p>Depois do beijo, olhei o relógio. Já eram três da manhã. Bateu um certo arrependimento... Um pouquinho de culpa.</p>
	<p>A campainha tocou, e eu ainda tava com ele no colo. Não senti o tempo passar. Só sentia uma felicidade tão grande... Uma paz...</p>

	Ela perguntou se eu não queria deixar ele mais um pouco! Mulher louca... O maninho dormiu o resto da noite. E aí a mãe chegou.
	O pai se recuperou rápido. Na terça já voltou pra casa. E hoje, quarta de cinzas, briguei com a minha namorada.
	Acho que aquele menino nunca mais vai falar comigo. Mas tudo bem. <i>(pausa)</i> Eu vou ficar trabalhando aqui até terminar o colégio e conseguir um emprego melhor.
	Espero que a mãe nunca fique sabendo o que aconteceu.
	Hoje, quando ouvi o bebê chorando, de longe, tive vontade de pegar ele colo, e meus peitos se encheram de leite outra vez. <i>(sorri, melancólica)</i>
	<i>(Cantando)</i> "Vou beijar-te agora, não me leve a mal, hoje é Carnaval. Vou beijar-te agora, não me leve a mal, hoje é Carnaval!".

**CENA 3 - 1967 - CIVILIZAÇÃO**

PROFESSORA - 40 ANOS - Nadya Mendes - SALAS DE PROFES/DIA

MENINA - 8 ANOS - Milena Dalla Corte - SALA DE CASA/DIA

PSICÓLOGO - 40 ANOS - Marco Ricca - CONSULTÓRIO/NOITE

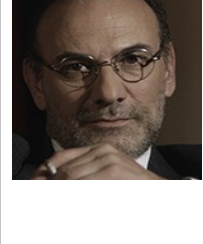
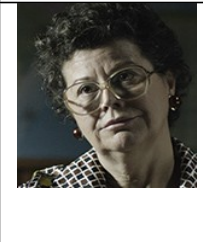
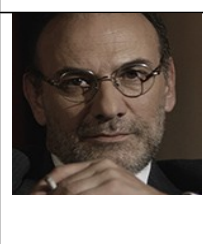
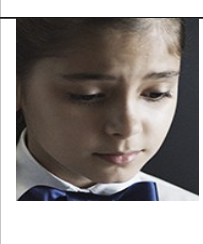
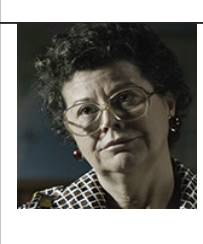

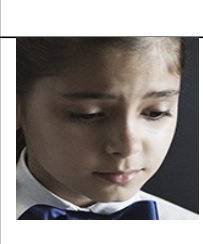
Quando acontece?







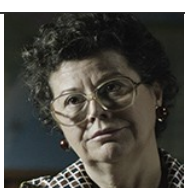
No dia em que a Professora, a Menina e o Psicólogo ficam sabendo que o Herói mudou de escola.

	Civilização é repressão. Ponto.
	Eu gostava quando o tema era de desenhar.
	Não aprendi isso com Freud. Aprendi na vida. E quanto mais cedo a gente começa, melhor.
	Quando era de escrever, eu não gostava muito.
	Os pais queriam ajuda de um psicólogo. Eles estavam em conflito com a professora.
	O menino é inteligente. Meio retraído, mas nada demais.








	Os pais me relataram que ele era introvertido, falava pouco, mas não tinha problemas na escola.
	Comigo sempre foi obediente. Fazia os temas. Se esforçava. Nessa idade é o que importa.
	Às vezes a gente ficava junto no recreio. Ele não gostava muito de jogar futebol.
	Nem se tocavam. Eu cuidei disso. Presto bastante atenção.
	Os dois eram próximos, mas não eram namoradinhos.
	Passei o tema na sexta, e eles tinham que trazer na segunda.
	Era de escrever. Bem grande. E bem chato.








	Nada demais. Nada demais! Uma página de exercícios.
	Ele me disse que fez o tema na sexta de noite. Gostava de se livrar logo. E ela foi deixando...
	Eu telefonei pra ele. E ele me ajudou. Mas eu não entendi muito bem e fui olhar TV.
	O menino achava que a menina tinha feito o tema.
	São quarenta crianças. Eu não tenho condições de recolher todos os cadernos. Quatorze anos de sala de aula, e nunca tive problemas.
	Naquele dia, o menino foi escolhido pra revisar os temas.
	Todos colocam os cadernos abertos em cima da mesa, e um aluno confere. Isso desenvolve o senso de responsabilidade. Forma cidadãos.

	<p>Deve ser bem estressante para as crianças.</p>
	<p>Eu peço silêncio nessa hora. Se alguém falar, ganha tema em dobro durante toda a semana. Eles ficam bem quietinhos.</p>
	<p>Ele viu aquela folha em branco. Sem o tema. O menino não precisava falar. Era só continuar andando.</p>
	<p>Eu ia dizer que tinha ficado doente. Mas a professora tava olhando...</p>
	<p>Eu desconfiei que tinha alguma coisa errada. Eles se olhavam, olhavam... E eu perguntei: "O que foi? Ela não fez o tema?".</p>
	<p>Ele queria dizer que tinha visto o tema. Mas...</p>
	<p>Ele segurou a cabeça assim (<i>coloca as mãos nos dois lados da cabeça</i>) e deu um grito. (<i>grita</i>)</p>

	Um grito muito alto. Primeiro as crianças riram.
	Ele continuou tentando falar. E gritou outra vez.
	Aí as outras crianças ficaram assustadas, e eu fui até lá pra ver o que estava acontecendo.
	Quando viu a professora se aproximando, o menino tentou mais uma vez. E aí desmaiou.
	Peguei ele no colo e levei pra secretaria. Só acordou quando eu joguei água no rosto dele.
	Os pais ficaram assustados. Foram ao colégio pra saber o que tinha acontecido.
	Eu expliquei tudo, tintim por tintim. Mas eles não queriam entender que o problema era com o menino, e não comigo.

	<p>A professora não foi muito hábil. Foi então que me chamaram.</p>
	<p>Dei todo o apoio para aquele senhor, o psicólogo. Ele veio falar comigo três vezes. E depois ainda fui no consultório dele.</p>
	<p>Conversei bastante com a professora e com os pais.</p>
	<p>Eu disse que o menino devia voltar logo pra escola.</p>
	<p>Ele não voltava. Todo mundo pensou que ele tava doente. Que ele podia morrer.</p>
	<p>Quando fiquei sozinho com ele no consultório, me contou que sentia dor quando tentava mentir.</p>
	<p>Eu pensei: se ele morrer, eu tenho que morrer também.</p>

	<p>Eu pedi que ele me dissesse que dia é hoje. Ele disse que era sexta. Eu pedi que ele respondesse que era sábado.</p>
	<p>Pedi que a minha mãe me levasse na casa dele. Mas ela não quis.</p>
	<p>Ele ficou quieto. Eu insisti. É só dizer: "Hoje é sábado". Ele começou a abrir a boca, mas logo colocou as mãos na cabeça e gritou.</p>
	<p>Eu queria falar pra ele voltar pra escola.</p>
	<p>Achei que era melhor pedir um eletro. Eu estava desconfiado que fosse epilepsia.</p>
	<p>Agora cada um tem uma explicação.</p>
	<p>O eletro foi normal. Então eu tive uma ideia: pedi que ele mentisse durante o exame. O resultado foi incrível. Quando tentava mentir, a agulha dava um salto que quase saía do papel.</p>

	<p>O psicólogo perguntou se alguma vez o menino tinha mentido na sala de aula. Eu não lembrava.</p>
	<p>Nem na escola, nem em casa. Os pais e os irmãos não recordavam nem uma única mentira. Incrível!</p>
	<p>Nunca mais vi o menino, e hoje fiquei sabendo que ele trocou de escola.</p>
	<p>Eu queria continuar pesquisando, mas os pais não têm dinheiro pra nada. E eu também não.</p>
	<p>Eu tenho saudade. E não é só porque ele me ajudava no tema.</p>
	<p>Perdi o contato. Uma pena. Espero que ele esteja bem.</p>
	<p>Se um dia eu ver ele de novo, vou falar que ele foi o melhor amigo que eu tive em toda a minha vida. <i>(sorri, tímida, para a câmera)</i></p>

**CENA 4 - 1971 - CONFISSÃO**




PADRE - 50 ANOS - Leo Ferlauto - CONFESSIONÁRIO/DIA

ORIENT. EDUCACIONAL - 30 ANOS - Branca Messina - CAFÉ/NOITE

COLEGA - 12 ANOS - Enzo Petry - SALA DE AULA/DIA

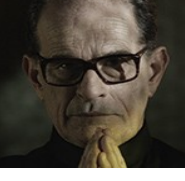
Quando acontece?






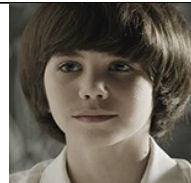

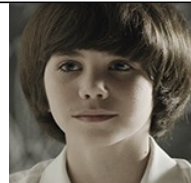
No dia da cerimônia da Primeira Comunhão


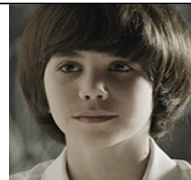
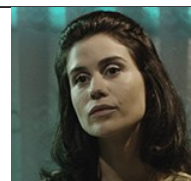

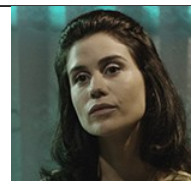
	A nossa escola prepara esta vida e para a vida eterna. O lado de cá e o lado de lá.
	Ele é bem tímido, mas tem um amigo.
	Eu tô tentando ensinar ele a jogar futebol, mas ele é ruim demais!
	Na sala de aula, ensino sobre o lado de cá.
	Os pais queriam que o filho tivesse uma educação religiosa. É normal.
	Quando estou na capela, falo sobre o lado de lá.
	A gente conversava no meu gabinete, e eu sentia que isso fazia bem pra ele.








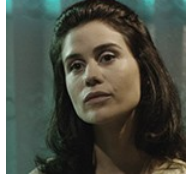
	Não gostava de futebol, mas... <i>(malicioso)</i> Como gostava de ir na Tia do Céu!
	Eles me chamavam de Tia do Céu porque meu gabinete ficava no último andar e tinha uma janela grande.
	Eu também gostava dela. Quem não gostava?
	Às vezes a gente olhava as nuvens brancas passando... Era bonito.
	A preparação para a primeira eucaristia estava correndo muito bem.
	A escola é confessional e o menino não se opunha. Até aí, não vejo nenhum problema.
	Eu fiz um curso especial, na Cúria, para dar aulas de orientação sexual.
	Eu já tinha dito nas reuniões: "Um padre não é a melhor pessoa para essa atividade."

	<p>Eu estava plenamente capacitado.</p>
	<p>Mas ninguém me ouviu.</p>
	<p>O padre dizia: "As flores têm órgãos masculinos e femininos". E mostrava uns desenhos esquisitos.</p>
	<p>Metáforas são educativas. A Bíblia está cheia delas.</p>
	<p>O problema não eram as aulas de orientação sexual, nem o catecismo. Era o cruzamento das duas coisas.</p>
	<p>Ele também nos ensinou a chamar as coisas pelo seu nome de verdade. "Não é pau, nem pinto, nem piu-piu. É pênis!" (ri) Tudo com a letra "p"!</p>
	<p>É importante que os meninos saibam se expressar quando vão ao médico.</p>
	<p>O mais engraçado foi quando ele falou "vagina".</p>

	<p>Nunca conversei sobre sexo com ele. Nessa idade, é melhor que o assunto seja tratado entre homens.</p>
	<p>A vagina era parecida com uma aranha cabeluda que tinha lá no museu.</p>
	<p>Ele ficou muito impressionado com os milagres de Jesus e perguntava: "Mas foi verdade mesmo?". E eu dizia: "Claro".</p>
	<p>Ele me perguntou se Jesus tinha mesmo ressuscitado Lázaro. O que eu podia dizer? Disse que sim.</p>
	<p>Fazer uma boa confissão é muito importante para a primeira eucaristia.</p>
	<p>Eu já tinha feito no ano passado e brincava com ele: "Olha o que tu vai dizer no confessional...".</p>
	<p>Eu tinha explicado a diferença entre os pecados mortais e os veniais.</p>
	<p>De repente, ele desapareceu. Nunca mais subiu pra falar comigo.</p>


	<p>Um dia antes da confissão, ele perguntou se a masturbação era pecado venial ou mortal. Eu disse que é venial quando é feita sem a plena consciência do mal.</p>
	<p>Eu vi que ele tava preocupado e falei que ele só tinha que decorar quatro coisas.</p>
	<p>Mas, se o ato é repetido várias vezes, aí vira mortal.</p>
	<p>Padre, perdoai-me, porque pequei.</p>
	<p>Se não houver arrependimento, o pecador está excluído do Reino de Cristo e terá uma morte eterna no inferno.</p>
	<p>É a primeira vez que me confesso.</p>
	<p>Por isso que a confissão é tão importante. Ela nos reconcilia com Deus.</p>
	<p>Eu briguei com o meu irmão, coleí numa prova e tive pensamentos ruins com a minha vizinha.</p>

	Basta confessar tudo e arrepender-se de verdade.
	Mas estou arrependido de verdade e peço perdão. (pausa) É fácil! Aí tu reza o que o padre mandar e pronto.
	Deus sempre perdoa.
	Eu tava preocupada e fui até a capela.
	Ela queria saber se eu tinha notado alguma coisa diferente.
	Ele disse que não, que tudo estava correndo bem.
	Eu sempre respeitei a moça. As crianças gostavam dela. Mas não gostei do tom que ela começou a usar na conversa.
	Eu só perguntei: "Como o menino tá nas aulas de educação sexual?"

	Esse não era assunto dela. Era responsabilidade minha.
	Ele ficou alterado, nervoso. Logo depois fui chamada pelo diretor e recebi uma advertência.
	Uma escola tem uma certa hierarquia.
	Quase me demiti naquela hora mesmo.
	A igreja sabe o que faz com as crianças.
	Na manhã seguinte, fui pra escola decidida a pedir uma reunião com o diretor e o padre.
	Eu vi ele chegar no colégio. Tava branco, parecia um fantasma. Aí lembrei que ele ia se confessar.
	Percebi que o menino estava passando mal.

	Fui falar com ele, mas não consegui. Ele começou a vomitar. Aí a Tia do Céu chegou.
	Eu perguntei o que tava acontecendo. Ele não respondeu.
	A tia passou a mão na cabeça dele. Só pra acalmar... E aí o padre chegou.
	Era uma conduta totalmente inadequada. Não se toca numa criança daquele jeito.
	Ele já chegou gritando: "Quem a senhora pensa que é?"
	Os dois começaram a brigar e logo juntou um monte de gente.
	Eu disse: "Te acalma!"
	Eu estava muito calmo. Ela é que não estava.

	<p>Naquela confusão, ele saiu correndo, e eu fui atrás.</p>
	<p>Ele me olhou de alto a baixo. Eu estava com uma saia na altura do joelho e uma blusa. Roupa normal, como eu sempre usava na escola.</p>
	<p>Ela não estava vestida de modo adequado. E usava muita maquiagem.</p>
	<p>Ele disse na frente de várias pessoas: "A senhora parece uma meretriz." Meu sangue ferveu.</p>
	<p>E ela me deu um tapa. No rosto.</p>
	<p>Eu fui atrás dos meninos. O padre que se danasse.</p>
	<p>Não... Não fiquei brabo. De certo modo, as coisas tinham ficado mais claras.</p>
	<p>Eu procurei ele, mas não encontrei. Devia tá escondido.</p>

	Não encontrei os meninos. Fui para a sala da direção. Queria contar o que tinha acontecido
	Nós temos uma imensa responsabilidade na educação das crianças. Eu liguei pro diretor.
	O diretor disse: "A senhora está despedida. Por justa causa."
	Ela passou dos limites. Vários pais perceberam e me deram apoio.
	Subi na minha sala pra pegar minhas coisas e, quando abri a porta, ele entrou correndo.
	Confessar-se é como falar diretamente com Deus. E era isso que ele estava precisando.
	Eu fechei a porta e ele começou a falar como se tivesse decorado tudo.
	Um menino muito bom, que tinha compreendido bem a graça da confissão.

	<p>"Professora, me perdoa, porque pequei. Desde o ano passado. Quase todos os dias."</p>
	<p>E que fez a primeira eucaristia de um modo muito consciente e muito devoto.</p>
	<p>"Eu tive pensamentos ruins com a senhora, só com a senhora, sempre com a senhora."</p>
	<p>Os pais do menino estão muito felizes. Disseram que a cerimônia foi linda.</p>
	<p>"Mas estou arrependido, de verdade, e nunca mais vou..." Então ele parou de falar.</p>
	<p>Ele também está muito feliz. A maior felicidade da vida é estar próximo de Deus.</p>
	<p>Eu me aproximei um pouco, estendi a mão, e então ele saiu correndo da sala.</p>
	<p>Um aluno bom, obediente.</p>

	Fui atrás dele, mas ele sumiu. Levei as minhas coisas pro carro. <i>(pausa)</i> Nunca mais boto os pés naquele colégio.
	Ele vai aprender a jogar futebol. Por enquanto é goleiro...
	Hoje foi a primeira comunhão. <i>(respira fundo)</i> Eu lembrei dele. E até rezei um pouquinho.
	Vai ser um cidadão de bem. <i>(pausa)</i> E temente a Deus, o que é o mais importante. <i>(pausa)</i> O lado de lá.
	Mas ontem até jogou na zaga. Eu disse assim: chuta a bola pra qualquer lugar, menos na direção do nosso gol. Ele vai melhorar.

**CENA 5 - 1976 - VESTIBULAR**


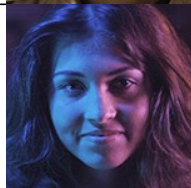

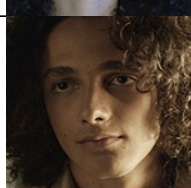
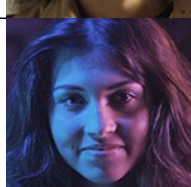

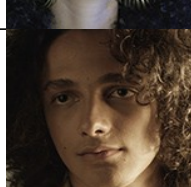

VIZINHO - 19 ANOS - João Pedro Alves - CORREDOR EDIFÍCIO/DIA



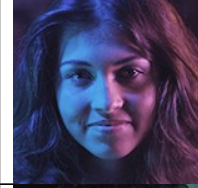
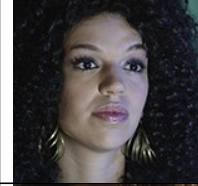

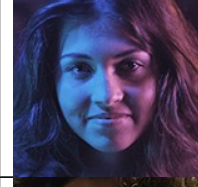
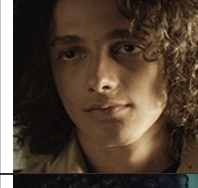


AMIGA - 17 ANOS - Julia Bach - CAFETERIA/NOITE

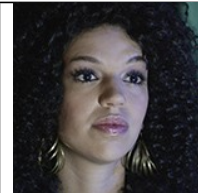
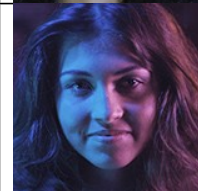
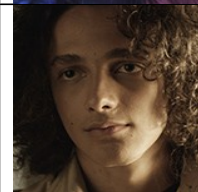
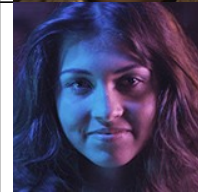



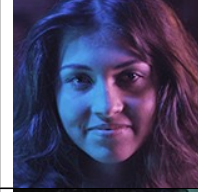

MULHER - 25 ANOS - Thaina Gallo - APTO. DE ENCONTROS/NOITE

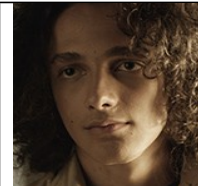

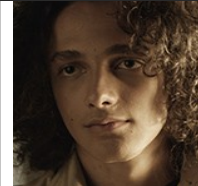






Quando acontece?










Na primeira semana de aula nas universidades.

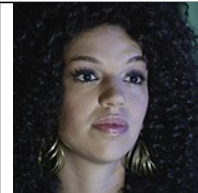
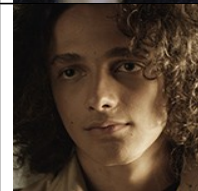
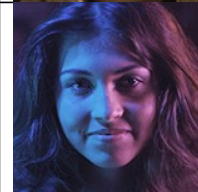

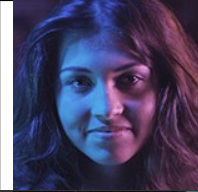
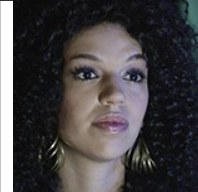
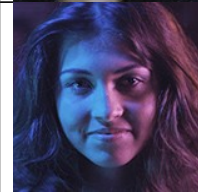
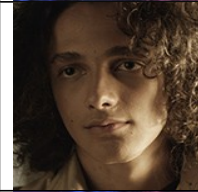
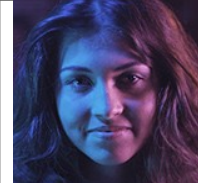
	Eu já tinha rodado duas vezes. O pai não saía do meu pé. Tava fazendo cursinho, mas ele não acreditava muito... Nem eu.
	Todo mundo fica nervoso no vestibular. E eu ainda queria Odonto...
	Terceiro ano de Pedagogia. Com muito sacrifício. Minha mãe é faxineira, e meu pai é motorista de ônibus.
	Direito. Era o que eu queria. E o meu pai também.
	Nós fizemos o colegial juntos. As minhas amigas achavam ele meio feinho. Eu... Sei lá... Achava simpático.
	Não era fácil pagar a faculdade. Tentei a Federal quatro vezes, mas não consegui. Acabei desistindo.
	A gente jogava futebol na praça atrás da minha casa. Ele morava no edifício da esquina. Não jogava bem, então ficava no gol, ou na zaga.
	Eu tinha muita dificuldade com matemática. Geometria analítica... Aquelas fórmulas...










	Trabalhava como caixa no supermercado das 8 às 6. Depois trocava de roupa e ia pra faculdade.
	Matemática. No último vestibular, tinha acertado 2 de 20. Eu tinha que melhorar.
	Uma amiga disse que ele era muito bom em Matemática e Física. (pausa) E que ele tava sempre olhando pra mim.
	A faculdade era longe. Quase uma hora de ônibus. Eu queria estudar em Porto Alegre, mas o curso era mais caro.
	O centroavante entrou na área, ia fazer o gol, mas ele saltou nos pés do cara, que chutou com toda força.
	Eu nem sabia que ele jogava futebol. Eu sempre via ele com o nariz enfiado nos livros.
	Quebrou o nariz. Tava sangrando muito. A gente levou ele direto pro pronto-socorro.
	A mãe ficava bem preocupada. Eu descia do ônibus e tinha que caminhar três quadras, às onze da noite.
	Daí ele apareceu no colégio com aquele curativo imenso no rosto. O pessoal tirou sarro.

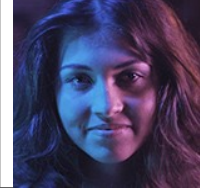


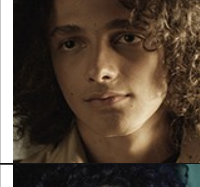
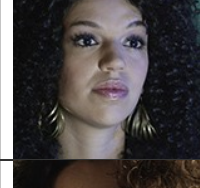
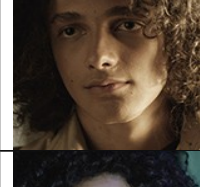
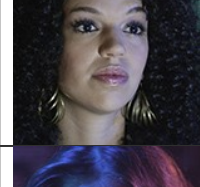
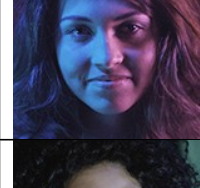

	Eu andava rápido, olhando pra todos os lados.
	Mas eu fiquei com pena e tava curiosa pra saber o que tinha acontecido.
	A gente ficou amigo. Eu disse pra ele que queria Direito e perguntei o que ele queria. Ele olhou pra mim e disse: "Qualquer coisa, menos Biologia."
	Meu Deus! O nosso professor de Biologia era muito ruim.
	Eu disse que Direito dava grana e que um advogado não precisa saber nada sobre meiose e mitose.
	E ainda por cima usava umas roupas justas... Sabe, umas calças assim, bem grudadas...
	Ele então disse que ia fazer pra Direito. Achei que era brincadeira, mas era sério.
	Se achava "o" gostosão. Os guris gritavam nas costas dele: "Tira o drops do bolso...".
	Me vestia que nem freira. Nada de decote, nada de saia curta. E antes de descer do ônibus, prendia o cabelo, fazia um coque bem horroroso.


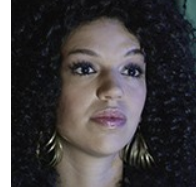



	Ele odiava o professor de Biologia. Era a única matéria que ele não tirava notas boas.
	Fui falar com ele. Perguntei o que tinha acontecido com o nariz dele. E ele contou.
	Mas sabia tudo de Matemática. Pedi uma ajuda. E ele disse que tudo bem.
	A tática deu certo por quase dois anos.
	A gente continuou conversando; ele perguntou o que eu queria no vestibular, e eu disse que não tinha chance, porque ia me ralar em Matemática.
	Ele teve paciência comigo... E sabia ensinar.
	Ele disse que podia ajudar. Já tava dando umas aulas pra um vizinho. Não custava me incluir.
	Mas aí, numa noite, a tática não funcionou.
	Ela era bem bonitinha. Meio nova pra mim, mas eu dava em cima igual, claro.

	As aulas eram na casa dele. Às vezes na minha.
	Eram três caras. Tavam fumando na esquina. Pensei em desviar, mas eles já tinham me visto.
	Eu saquei logo que ele tava apaixonado. Ele tentava disfarçar, não olhava pra ela, mas... Disfarçar não era com ele.
	Eu sabia. Claro que sabia. A gente sente. Mas fazer o quê? Ele nunca disse nada.
	Me pegaram pelo braço e me levaram prum terreno baldio, onde os guris jogavam futebol. Eu gritei, mas eles tinham uma faca.
	Equações de segundo grau.
	Matrizes. Trigonometria.
	A gente foi aprendendo. Ele dava exercícios. Comecei a acertar.
	Cheguei no vestibular bem mais confiante.

	Não me bateram. Só abusaram de mim. Eu escondi tudo da mãe e do pai. E decidi que aquilo nunca mais ia acontecer comigo.
	Quatorze em vinte! Uma beleza. Meu pai nem acreditava... Passei raspando, mas passei.
	Dezesseis em vinte! Minha média ficou ótima. E os dois passaram em Direito.
	De tão contente, o velho me deu uma grana e disse: "Pro futuro advogado".
	Telefonei pra agradecer, mas dava sempre ocupado. Decidi ir até lá.
	Transferi o curso pra Porto Alegre, no turno da tarde, contratei uma kombi escolar e disse pra mãe que tinha virado supervisora noturna no super. Ela acreditou.
	Ele tava no quarto. Eu fechei a porta e dei um abraço bem apertado nele. Ele podia ter me beijado. Eu queria que ele me beijasse.
	Os dois tavam no quarto, sozinhos, mas é claro que não tinha rolado nada. Ele era dez em Matemática, mas zero em sacanagem.
	Ele não me beijou. O outro menino chegou, e eu achei melhor ir embora.

	Eu disse pra ele: "Cara, ela tá muito a fim. É só chegar." E ele ficou olhando pro chão.
	Não era só timidez. Às vezes achava que ele tinha medo, sei lá.
	Perguntei se ele já tinha beijado uma guria. Ele disse que não. Porra, o cara tinha dezessete anos! Decidi que eu tinha que resolver aquele caso.
	Só fazia programa de noite e nos sábados de tarde.
	Eu desconfio que ele é virgem. Eu também sou.
	Meu irmão arranjou tudo. Dei o dinheiro pra ele, contei que o cara tinha me botado na faculdade, que merecia um tratamento muito especial.
	Com uns cinco programas por semana, já dava pra pagar a faculdade e a kombi.
	Ele nunca me disse nada. Nem eu.
	Tive que inventar uma história. Não podia só dizer: vai no endereço tal, tal hora.

	Aí fica difícil, né?
	Então disse que a guria queria falar urgente com ele. E que ela tava no apartamento de uma amiga.
	Alguém tem que tomar a iniciativa.
	Foi mal, eu sei... Mas ele acreditou. Ele acreditava em tudo.
	Quando ele entrou, com aquele curativo no nariz, comecei a rir. Ele ficou sem jeito. Parecia uma criança.
	Eu fiquei bem curioso, mas ele nunca me contou nada. <i>(pausa, malicioso)</i> Só sei que o tratamento funcionou.
	Eu, de criança, não tinha mais nada. Mandeí ele tomar uma ducha. E ele foi.
	Hoje um colega da Odonto me disse que eu sou a guria mais linda do mundo.
	Quando ele voltou do banho, eu tava na cama, só de calcinha. Ele me olhou como se estivesse vendo... Sei lá. <i>(ri)</i> Um milagre.

	Ele tá diferente. Continua quieto, na dele, mas parece mais malandro.
	Geralmente tem um certo diálogo, sabe como é, dizer o nome, quantos anos tem. Ele ficou calado. Mas acho que gostou.
	O cara me conhece há três dias e disse que tá apaixonado por mim. Deve ser mentira, claro.
	O meu irmão contou que o meu amigo virou freguês de carteirinha.
	<i>(rindo)</i> Nem tanto. Mais três vezes. Ele queria recuperar o tempo perdido. Até dei um desconto. Mas aí acho que o dinheiro acabou.

**Cena 6 - 1980 - EVOLUÇÃO**


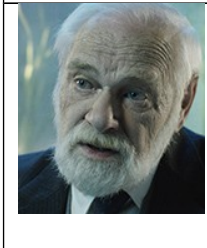
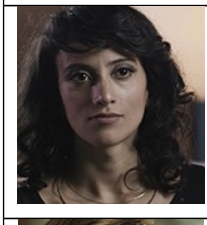

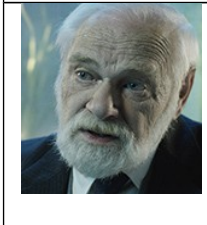
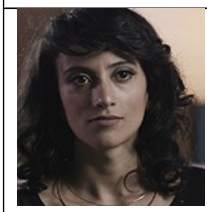
NAMORADA - 25 ANOS - Gabriela Poester - JK/NOITE








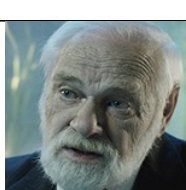
EX-PROF. BIOLOGIA - 55 ANOS - Julio Conte - SALA C/ SLIDES/NOITE

PROF. DIREITO - 65 ANOS - Girlei Paes - SALA C/ AQUÁRIO/DIA

Quando acontece?

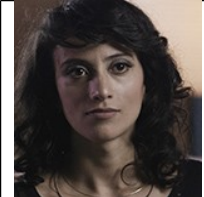

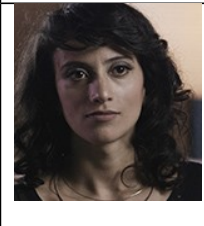
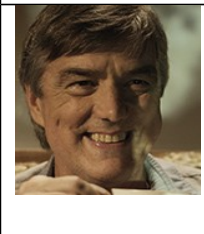
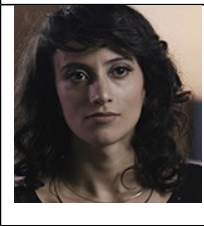

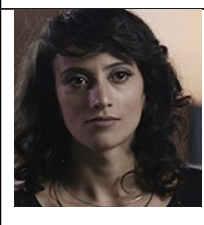

Pouco depois que Heroi passa a viver com Namorada.

	Existem cientistas, que fazem o conhecimento evoluir. E existem professores. São atividades bem diferentes.
	Ele se destacou logo no início do curso.
	Era mais moço que eu e fazia Direito. Não tinha nada a ver com o meu curso.
	Eu sou um professor do colegial. Sou pago pra ensinar o que está no livro, e não pra reescrever o texto.
	Eu previa um futuro brilhante pra ele. Era um menino... Absolutamente íntegro.
	Ele tinha duas coisas muito importantes pra mim: sempre falava a verdade e gostava muito de transar.

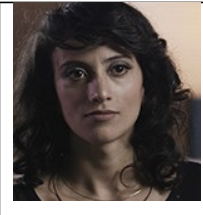
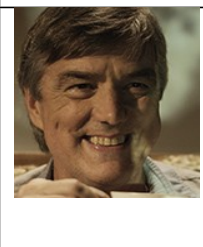
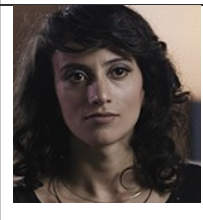
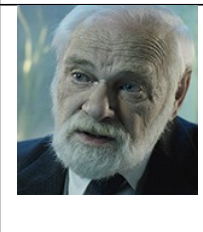
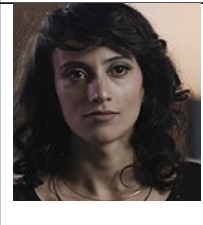
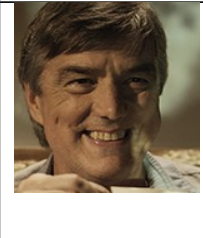
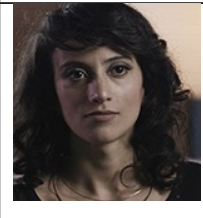
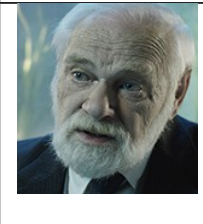
	A escolha dos livros não é minha. É da escola.
	Ele não era bom em legislação, não decorava nada. Mas era incrível em qualquer debate...
	Ele vivia se queixando das aulas. Eu dizia: "Passa pro meu curso." E ele: "Só pode ter uma coisa mais chata que Direito: Biologia".
	A ciência da vida. Mas a vida é uma questão imensa. Começa na vida das bactérias e vai até a vida dos homens. Não dá pra ensinar tudo.
	Comecei a sugerir algumas livros diferentes pra ele, principalmente filosofia. E ele gostou.
	Em vez de estudar o que precisava pra ir bem nas provas, ficava lendo filosofia.
	Eles aprendem o que é mais importante pro vestibular. Muitos me agradecem depois de passar. Quem estuda se dá bem.
	Começou a ir mal em algumas disciplinas. Rodou pela primeira vez em Direito Penal. Alguns professores achavam que era maconha.

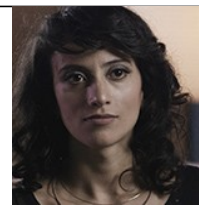
	<p>Desde quando um advogado precisa ler Nietzsche?</p>
	<p>Alguns conteúdos ficam de fora, fazer o quê?</p>
	<p>Falei com ele, disse que precisava se esforçar mais em algumas matérias chatas. E ele disse: quase tudo aqui é chato.</p>
	<p>A gente tava na cama, tinha transado, e eu peguei o livro que eu tava lendo.</p>
	<p>Eu sempre me mantenho atualizado... <i>(pensa um pouco)</i> À medida do possível. <i>(pausa)</i> E é claro que eu sei a importância de Darwin!</p>
	<p>Eu perguntei: se tudo é chato, o que tu tá fazendo aqui? E ele disse: "Não sei. Além de chato, é inútil".</p>
	<p>O meu livro era Sociobiologia. Em espanhol. Não tinha saído no Brasil.</p>
	<p>Engraçado: dois dias depois ele achou uma utilidade pro Direito.</p>

	<p>Comecei a ler, mas ele logo começou a passar a mão na minha perna, a falar bobagem... Eu disse: "Pega aí teu Nietzsche e me deixa quieta..."</p>
	<p>É preciso uma certa maturidade para ler Darwin. Eu entendo a posição da escola.</p>
	<p>Mas é incrível aquele guri... <i>(rindo)</i> Que saúde... Já tava pronto pra transar outra vez.</p>
	<p>Ele disse: "Eu não quero vingança. Só quero justiça." Ele queria que o professor e o colégio admitissem publicamente uma falha curricular.</p>
	<p>Veio pra cima de mim, começou a me beijar, e tive que largar o livro. Nem tive tempo de fechar. Ficou aberto no começo do capítulo um.</p>
	<p>Perguntou se eu poderia assumir a causa, já que eu era especialista em Direito Civil.</p>
	<p>A gente já tava transando, quer dizer, ele já tava... <i>(faz um gesto com a mão para mostrar que o pênis já estava dentro)</i> E aí, de repente, ele foi parando. E parou. Eu abri os olhos, e ele tava... Lendo!</p>
	<p>Eu disse que a causa dele era interessante, mas não tinha futuro algum. Ele disse que então ia contratar outro advogado.</p>

	Nu, em cima de mim, lendo o começo de Sociobiologia, de Edward Wilson. E ficou lendo sem parar por sete horas seguidas.
	Nunca ouvi falar.
	Até que caiu no sono. Domingo de manhã começou a ler de novo. E foi o dia inteiro lendo. Quinhentas e noventa e três páginas.
	Um autor menor. Nem foi traduzido.
	Quando terminou, os olhos estavam vermelhos, acho que as mãos tremiam um pouco. E ele disse: "Que professor filho da puta!".
	Segunda de manhã, ele tava me esperando na frente do colégio. Disse que precisava falar comigo com urgência.
	Fiquei até com medo que ele fosse fazer alguma bobagem.
	Levei ele até a sala dos professores e disse que tinha só cinco minutos, porque a minha aula começava às oito.

	Mas ele tinha que fazer uma pergunta.
	Ele perguntou: "Por que o senhor não ensinou nada sobre Evolução?" E eu disse: "Porque a escola tem outras prioridades".
	Ele me expôs os argumentos: tinha perdido mais de dois anos, porque o colégio não tinha ensinado o que tinha que ensinar.
	Eu também disse que o currículo era determinado pela escola, e que evolução não é tema importante no Vestibular.
	Ele admitiu que não foi muito educado com o professor.
	Ele gritou: "Tu nunca falou de Darwin! Nunca falou de seleção natural, de genética! Nunca falou do que interessa".
	Ele tava muito brabo.
	E eu disse, com toda calma: "Meu filho, eu até inventei uma musiquinha pra determinação do sexo. <i>(cantando)</i> "Abraxas as carça, meu bem, vamo fumeae. Te ligae, meu bem, vamo fumeae. Abraxas protenor te fumeae." <i>(para de cantar)</i> É isso aí: XX, XY, XX, X0, ZW."

	<p>(<i>rindo</i>) Ele gritava pra mim: "O idiota disse que tinha me ensinado uma musiquinha!"</p>
	<p>O garoto tava descontrolado, gritando que ia me processar. Chamei o segurança e mandei tirar ele dali.</p>
	<p>Foi a única vez que vi ele estudando Direito pra valer. Mas ao mesmo tempo lia A Origem das Espécies.</p>
	<p>Ele percebeu que o processo seria perda de tempo e escreveu uma longa carta para a escola.</p>
	<p>(<i>lembra</i>) "Uma monumental falha educacional, com consequências incalculáveis sobre uma geração inteira de estudantes." (sorriso).</p>
	<p>(<i>sorrindo</i>) Eu li. O garoto até que escreve bem. Pena que é um desequilibrado.</p>
	<p>Não responderam a carta. Nem deram satisfação.</p>
	<p>Parou de ir nas aulas e pediu transferência pra Biologia. E não vi mais o garoto.</p>



Foi meu bixo! E, na primeira semana de aula, disse que queria morar comigo. (sorri) E eu aceitei.

**CENA 7 - 1985 - ZOO**


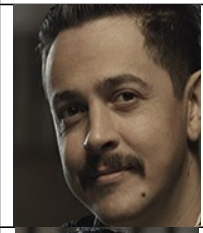


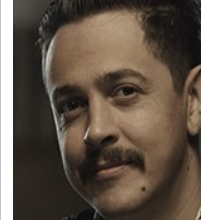

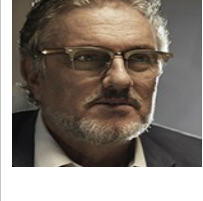
PESQUISADOR - 55 ANOS - Werner Schünemann

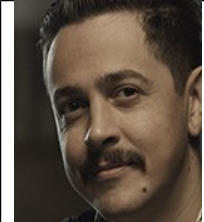


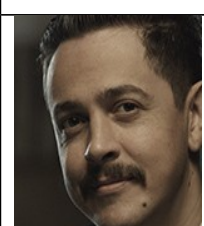




DOCTORANDO - 30 ANOS - Felipe de Paula

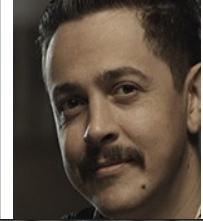


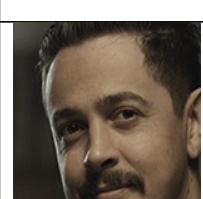


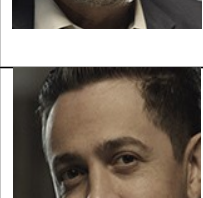
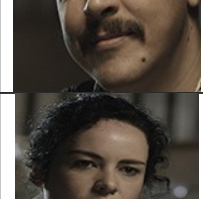
TRATADORA DE ANIMAIS - 26 ANOS - Luiza Ollé

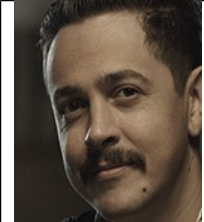


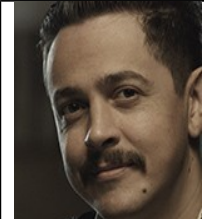




Quando acontece?

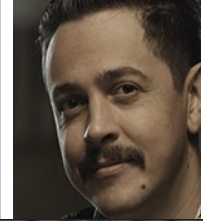

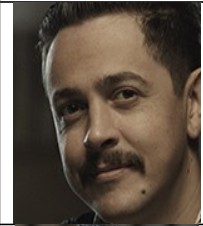

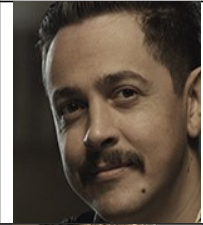


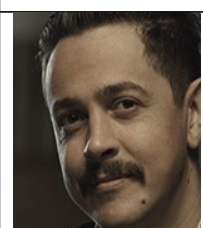
No dia em que a "nova família" (doutorando, ex-namorada e filho pequeno) aparecem juntos no zoo.


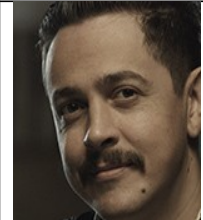

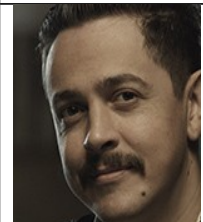




	O objetivo da pesquisa é descrever as relações familiares e sociais de um grupo de chimpanzés em cativeiro.
	Faltava pouco tempo pra defesa da minha tese, e eu ainda tava atrás de alguns dados.
	Os dois professores passavam no zoo de vez em quando, mas quem trabalhava mesmo era o casal mais jovem.
	O meu grupo era assim: o doutorando planejando as ações de campo, a mestranda fazendo as observações e o garoto da graduação ajudando nas planilhas.
	Ela já tinha alguma experiência, mas ele tava só começando. Muito verde.
	Ficavam horas sentados num banco na frente da jaula. Anotavam coisas numa planilha e tiravam fotos.
	É preciso método, disciplina e muita dedicação.









	Pra fazer uma pesquisa assim tem que ser um... (sorri) Tarado cognitivo. Tem que sacrificar quase tudo pra saber um pouco mais.
	Às vezes eles traziam o filhinho, devia ter uns dois anos. Um amor. Ele adorava os chimpanzés.
	O garoto da graduação, esse aprendeu rápido. Claro que ter a própria esposa como colega de trabalho facilitou as coisas.
	O ponto de virada sempre é o momento em que tu reconhece quem é filho de quem. Aí as relações ficam mais claras.
	Eu tava no zoo há três anos, e vi quando os pequenos nasceram. Eram filhos do Igor, o macho alfa, com a fêmea mais velha.
	Além do casal e dos dois filhos, nós tínhamos mais duas fêmeas, e um macho bem jovem, que tinha vindo de um outro zoo que fechou.
	Eu sentava com eles e ia dizendo quem era quem. Fora o Igor, que era bem maior, os outros eram difíceis de distinguir. Mas eles aprenderam.
	O estudo do comportamento animal... Isso ainda tá dando seus primeiros passos no Brasil.





	<p>Numa observação desse tipo, tem dois componentes fundamentais: comida e sexo.</p>
	<p>Eu nunca fiz faculdade, sou só uma tratadora. Mas a gente acaba aprendendo alguma coisa.</p>
	<p>A gente quer aprender, por exemplo, que tipo de acordo é feito pra cuidar dos filhos pequenos.</p>
	<p>Isso varia muito entre as espécies.</p>
	<p>Era comum também que ele viesse sozinho com o filho. E aí eu ajudava um pouco, levava a criança pra dar uma volta, ver os outros animais...</p>
	<p>Tudo tava correndo bem. A gente já tinha mais de duzentas horas de observação. Uma pena o que aconteceu. Mas a pesquisa foi em frente.</p>
	<p>Uma coisa é a vida privada, outra é a vida acadêmica. O problema é misturar as duas coisas. Muito perigoso... <i>(sorri)</i> Eu é que sei.</p>
	<p>É difícil dizer por que ele começou a desconfiar. Talvez de tanto observar os pais com filhos, de tanto estudar os instintos dos bichos.</p>

	A cultura é importante, e os chimpanzés têm um tipo de cultura, mas os gens ainda são a base de tudo.
	Tudo é passado dos pais para os filhos numa longa linhagem através do DNA. Ainda temos emoções muito antigas, muito primitivas.
	Eu sempre gostei mais de cuidar dos felinos, principalmente das onças. Elas não atiram coisas na gente.
	Eu não confio em ninguém. Muito menos num animal que tá trancado numa jaula.
	Ele não mentiu. Não contou toda a verdade, mas não mentiu.
	Ele tinha cabelo liso e olhos castanhos, a esposa tinha cabelo cacheado e olhos pretos. A criança tinha cabelo cacheado e olhos castanhos.
	Um dia ele chegou e pediu autorização pra fazer um teste de RH no sangue de dois animais. Eu autorizei. Animais, somos todos nós.
	Não foi uma questão física. Não era uma criança loira de pais negros.

	Os modelos comportamentais são tão importantes quanto as semelhanças orgânicas.
	Posso tá louca, mas eu acho que foi a maneira que os chimpanzés sorriam pra conseguir alguma coisa.
	A seleção natural não age apenas sobre os corpos. Ela também age na relações sociais.
	Quando a criança sorria, conquistava todo mundo. E ele só sorria muito de vez em quando.
	Darwin provou que os animais expressam emoções. ( <i>sorri, sedutor</i> ) Alguns seres humanos também.
	Eles tinham tirado umas fotos de uma mãe chimpanzé com o filhote. Os dois sorrindo. Eu até ia escrever um <i>paper</i> baseado nessas fotos.
	Ele não sorria. Tava sempre sério, fazendo anotações na planilha.
	Não sou um cuco, pode ter certeza. O cuco sabe que colocou o ovo no ninho de outro pássaro. Eu nem desconfiava.

	Depois ele apareceu com mais duas amostras de sangue e perguntou se podíamos fazer um teste de exclusão de paternidade.
	Ninguém conversou comigo sobre o teste; eu nem fiquei sabendo.
	A gente não tinha tecnologia pra fazer aqui em Porto Alegre. Mas tinha um acordo com um laboratório de São Paulo. E eu, de novo, autorizei.
	É óbvio que ele não fez nada errado. Quem errou foi ela. Biologicamente falando, ela sabia que existia a possibilidade.
	O resultado do teste para paternidade verdadeira tem um erro de um milésimo.
	Nas segundas o zoo fecha pra visitaçãO. Ele ficou a tarde inteira na frente da jaula, sozinho.
	Na prática, o juiz aceita como cem por cento.
	Fui falar com ele. Me mostrou um papel com uns números. Eu li e não entendi nada.

	<p>Mas o exame para exclusão de paternidade é diferente: tem cem por cento de certeza.</p>
	<p>Ele me explicou: o teste dizia que ele não era o pai da criança. A criança que ele cuidou e sustentou desde que nasceu.</p>
	<p>Eu tinha usado camisinha, claro. Mas talvez tenha demorado um pouco pra colocar. E os meus espermatozoides, pelo jeito, são bem ativos.</p>
	<p>Uma situação nada extraordinária em várias espécies. Na nossa, o número de pais que criam filhos de outros homens é bem grande.</p>
	<p>Ele apontou para Igor, o macho alfa, e disse: "Aquele cara não seria enganado".</p>
	<p>Pode ser bem mais de dez por cento.</p>
	<p>Assumi na hora. Não pedi exame. Mas assumi o filho, não assumi a mãe. Ela veio um pouco depois... Mas veio.</p>
	<p>Eles sumiram, todos, por mais de um mês.</p>

	<p>Eu achei melhor tirar o garoto do meu grupo. A pesquisa tinha que continuar.</p>
	<p>Hoje a família reapareceu... A família biológica. Quando vi o pai, mãe e o bebê sorrindo juntos... Ficou óbvio. Não precisa fazer faculdade pra ver.</p>
	<p>Darwin também sabia sorrir. (OU) Até o Darwin, que era um cara tão sério, sorria de vez em quando.</p>
	<p>Darwin escreveu certo por linhas tortas...</p>

**CENA 8 - 1999 - VIAMÃO**

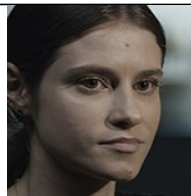


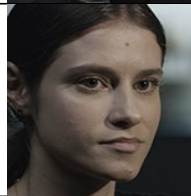

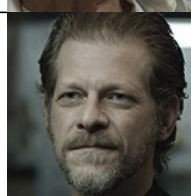
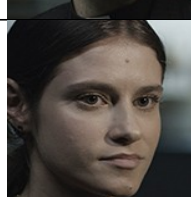
ESPOSA - 30 ANOS - Elisa Heidrich - COPA DA CASA/DIA


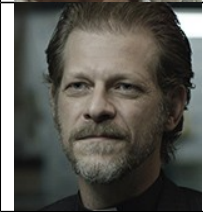
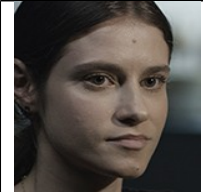

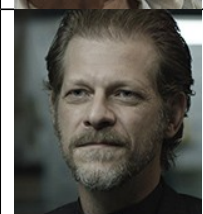
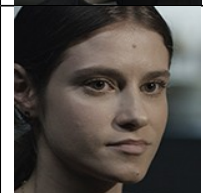

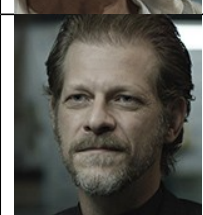
SOGRO - 60 ANOS - Carlos Cunha - COPA DA CASA/DIA

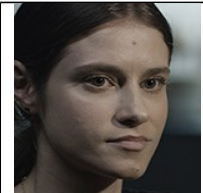

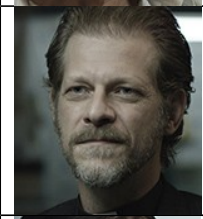
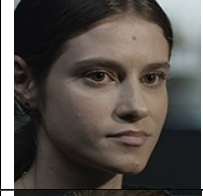
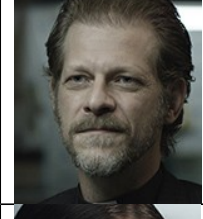

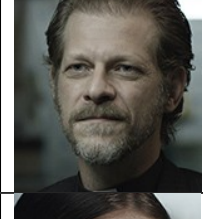
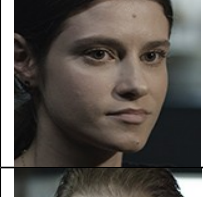

PASTOR - 40 ANOS - Felipe Kannenberg - COPA DA CASA/DIA



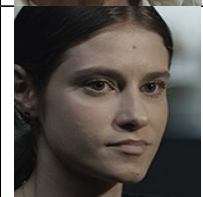

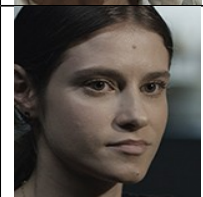

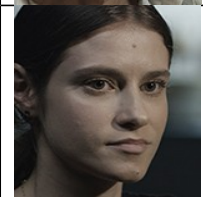
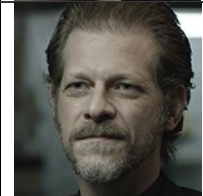
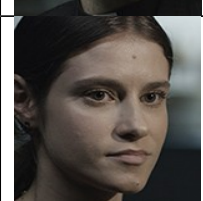
Quando acontece?

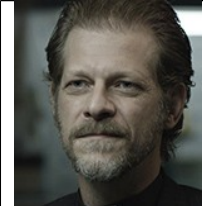
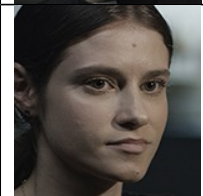
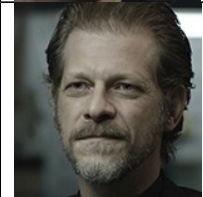
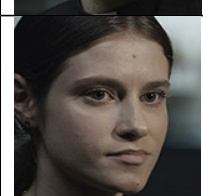
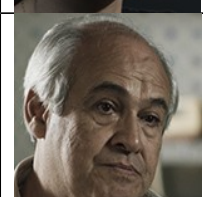
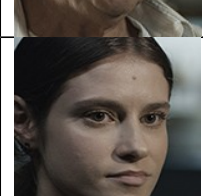

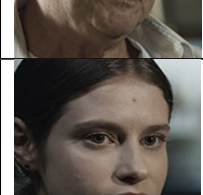

Entre o telefonema e a volta do Heroi.

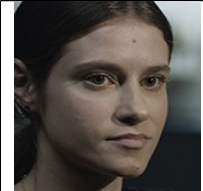
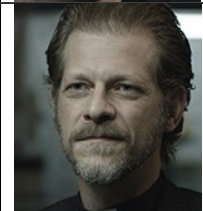
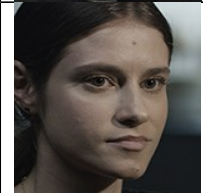


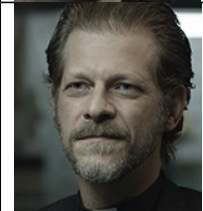
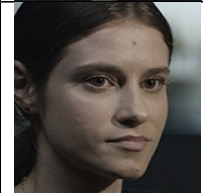
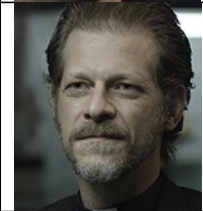
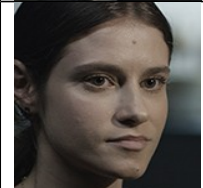
	Quando ele chegou em Viamão, eu atendia as mesas no café. Ele passava lá depois que descia do morro dos bugios.
	Um rapaz educado, mas só queria saber dos bugios. Eu brincava com ele: "Viu alguma bugia bonita hoje?".
	Eu já era amigo do sogro dele, que trabalhava na escola como segurança e tinha um pequeno café.
	Minha mãe já tinha morrido. Eu tinha dezenove anos e sonhava em sair daquela vida.
	Ele começou a ajudar no serviço, sem cobrar nada. Fiquei desconfiado e fui me aconselhar com o Pastor.
	Eu disse que, antes de tudo, tínhamos de saber quem era o rapaz. Sugeri que os dois tivessem uma conversa.
	O pai chegou mais cedo, disse pra eu dar uma volta e fechou a porta do café. Ficaram os dois sozinhos lá dentro.


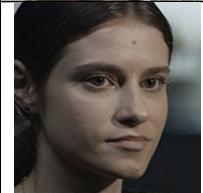

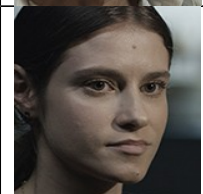
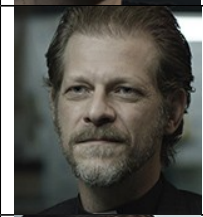


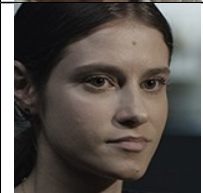

	Ele explicou que a pesquisa sobre os bugios era pra faculdade. Já tinha diploma em Biologia e queria continuar estudando os bichos.
	Um rapaz de futuro, mas muito sozinho. E ela sozinha também.
	O pai sempre foi meio grosso. Disse que a filha dele não ia namorar um estudante pé-rapado que passava o dia com os bugios.
	Mas ele disse que tinha uma bolsa, algum dinheiro na poupança e ia comprar uma casa com financiamento do banco. Aí a coisa mudou...
	Os dois se deram bem, apesar de toda distância cultural.
	Ele disse que tava apaixonado e perguntou se eu também tava. Eu disse que sim. A gente acabou casando.
	No civil e no religioso, tudo nos conformes. Conheci a mãe dele e os irmãos na igreja. O pai já tinha morrido. Família boa.
	Eu celebrei o casamento depois fizemos uma festinha lá na escola.

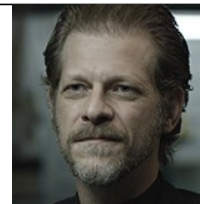
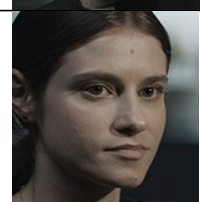

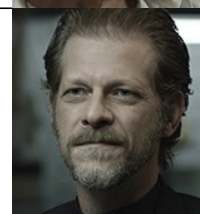


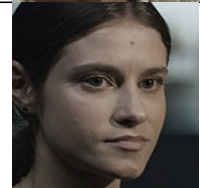
	Fiquei grávida três meses depois. Um menino. E depois veio a menina.
	Nesse tempo, ele descobriu um monte de coisa com os bugios e continuou estudando lá na universidade dele em Porto Alegre.
	Terminou o mestrado e demorou pra conseguir a bolsa do doutorado. Mas conseguiu. Ia e voltava de ônibus.
	Não faltava comida na mesa, mas era tudo muito contadinho no fim do mês... E eu continuava atendendo no café.
	Então nosso professor de Biologia se aposentou. O salário era razoável. Eu fiz o convite.
	Então começou o período mais feliz da minha vida. A gente tinha dinheiro.
	Ele levava os alunos pra observar os bugios. Depois os pássaros. Depois as formigas. As crianças adoravam.
	Contratamos uma garçonete pro café e reformamos a nossa casa.
	Ele sempre citava Edward Wilson: "Tu me ensina, eu esqueço. Tu me mostra, eu lembro. Tu me envolve, eu aprendo."

	O meu marido tava tão feliz como professor. <i>(pausa)</i> Então também pensei em ir atrás do meu sonho de menina. Eu sempre quis ser atriz.
	Ela sabia que aquilo não tinha futuro nenhum, mas ela gostava.
	Entrei num cursinho em Porto Alegre e num grupo de teatro amador aqui de Viamão.
	Perda de tempo.
	Meu pai não gostava muito.
	Não ficava bem uma mãe de família, com dois filhos, ficar se fazendo de moça apaixonada no teatro.
	Eu abri o jornal e vi o anúncio do teste. Fiquei nervosa na mesma hora. Era em Porto Alegre, no dia seguinte.
	Queriam uma atriz desconhecida, que nunca tivesse feito cinema nem TV.
	O meu marido disse que me levava. Eu fiquei tão feliz que enchi ele de beijos. E... <i>(meio sem jeito)</i> Foi uma noite ótima.

	Era um filme carioca, que ia fazer algumas cenas aqui no Rio Grande do Sul.
	No estúdio tinha uma mulher de cabelo curto, meio braba. Ela dizia o que a gente tinha que fazer na frente da câmera.
	Ele ficou olhando o teste de longe.
	Eu fiz tudo que ela pediu. Gritei, me joguei no chão, até esfolei o joelho.
	Não me falaram nada desse teste.
	A mulher anotou umas coisas, disse que eu podia ir e que a produção ia entrar em contato. (pausa) Foi aí que ele espirrou.
	Se eu soubesse, tinha botado um pouco de juízo na cabeça dela.
	Eu disse que era meu marido. Ela disse: "Vem aqui, por favor". Ele foi. Ela mandou ele ficar na frente da câmera.
	Ele sempre teve um olhar meio misterioso, meio desconfiado.

	Ela disse: "Agora fala assim: Eu tô com fome." E ele falou. "Eu tô com sede".
	Era estranho. Eu já tinha notado. Quando olhava pra câmera nas fotos, parecia um ator de filme de suspense.
	"Agora diz: Eu tô com tesão". E ele ficou quieto. Ela pediu de novo, e ele continuou quieto, olhando pra ela.
	Ele devia ter esculhambado com aquela mulher. Em vez disso, ficou lá, ouvindo, feito besta.
	Ela perguntou: "Já pensou em ser ator?" Ele disse que nunca. Ela disse que devia, porque tinha uma cara boa. E aí nós fomos embora.
	Ela sabia que tinha ido mal no teste, mas sempre sobra uma esperança.
	A mulher ligou. Ele ficou dez minutos ouvindo. E desligou.
	Queriam fazer um novo teste com ele, no Rio. Mas ele não estava interessado.
	De manhã, quando ele foi dar aula, eu liguei pra saber mais detalhes.

	Minha filha tem culpa também.
	Quando ele voltou pra casa, menti que as passagens já tavam prontas e que ele devia aproveitar pra conhecer o Rio.
	Ela bancou a empresária.
	Ele não queria. Ficamos horas discutindo. Aí eu lembrei que no Rio tem um museu grande de História Natural.
	Golpe baixo.
	Ele fez uma mala bem pequena, porque eram só dois dias. Eu e as crianças levamos ele no aeroporto.
	A cidade maravilhosa! Maravilhosa pra quem? Pra nós é que não foi.
	Sabe o que eu pensava? Que, se ele conseguisse o papel, podia me indicar, pelo menos como figurante.
	Aí ele telefonou.

	Ele podia ter feito o que quase todo mundo faz: mentir.
	Ele disse que ia ter que ficar mais uma semana e eu perguntei, brincando: "O que tu tá aprontando aí no Rio?".
	Eu sempre achei que ele era meio louco. Ficava horas sozinho com os bugios... Mas meio louco sou eu. Ele é um louco inteiro.
	Não é loucura. Ele simplesmente fala a verdade.
	Fiquei... Tonta. Sabe quando o chão vai embora e parece que tu vai cair num buraco? Conteí pro pai o que ele tinha dito.
	Eu disse: "Vou matar o desgraçado".
	A gente é tão feliz. Nossa vida é tão boa. Por que ele tá estragando tudo? Será que alguém é capaz de me explicar? Eu não consigo.

**CENA 9 - 2004 - RIO**


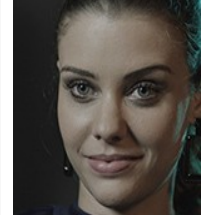
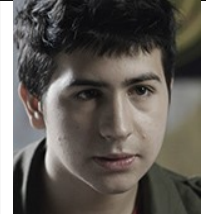

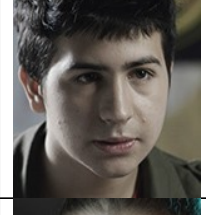
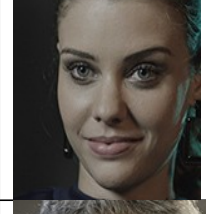

PREPARADORA - 55 ANOS - Deborah Finocchiaro - ESTÚDIO/DIA

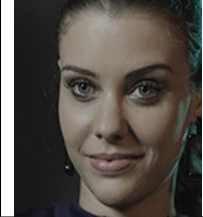
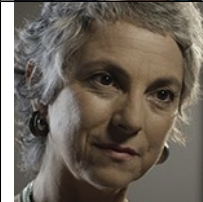

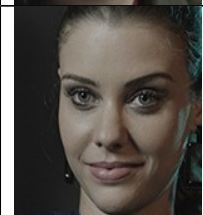
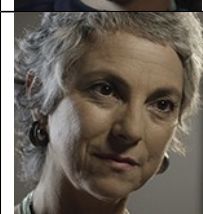

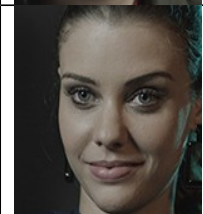

ATRIZ - 25 ANOS - Nadine de Oliveira - ESTÚDIO/DIA

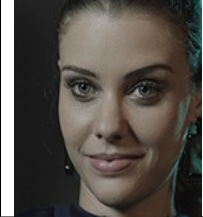

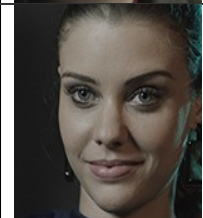

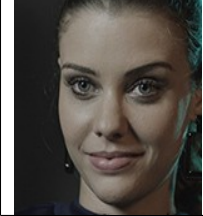

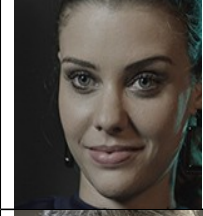

FILHO PRIMOGENITO - 16 ANOS - Frederico Restori - QUARTO/DIA

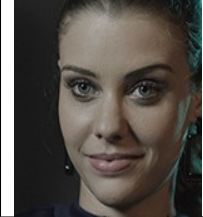
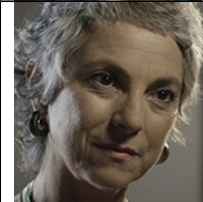
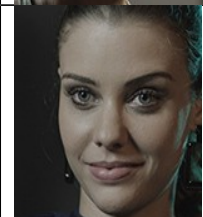
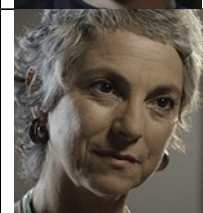
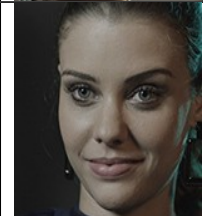
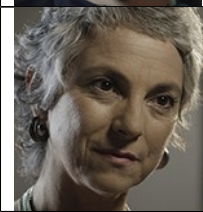
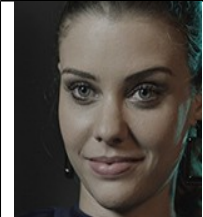

Quando acontece?

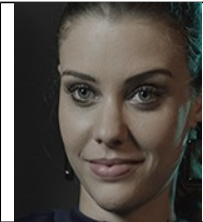
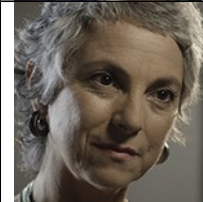
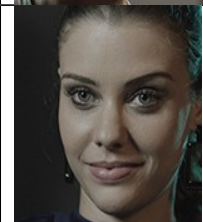

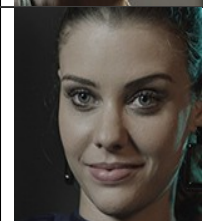

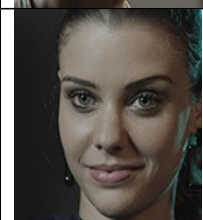
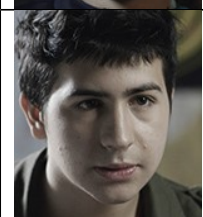
Pouco depois da atriz saber que está grávida do Herói.

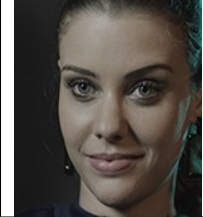

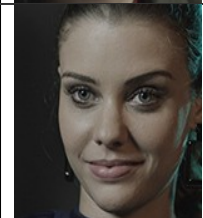

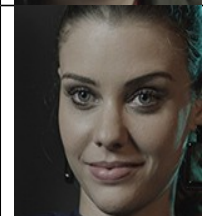
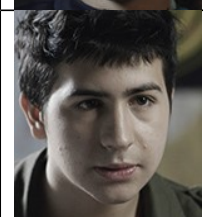
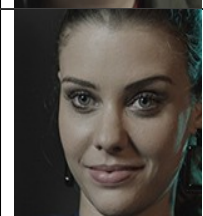
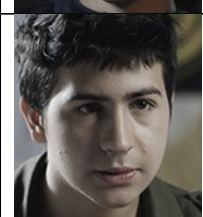
	O desafio era montar todo o elenco com atores e atrizes absolutamente desconhecidos. Um segundo na tela, qualquer tela, e tava fora.
	Eu menti. Tinha participado de um programa horrível de TV dançando de shortinho. Mas eu tava muito no fundo. Ninguém me viu.
	A primeira vez que o pai me levou pra ver os bugios, eu tinha uns seis ou sete anos. Nunca vou esquecer. Ele era o melhor pai do mundo.
	Em Porto Alegre já senti que ele era alguém... Como é que eu vou dizer? Diferente. Ele não interpretava. Ele era. Sem nenhum treinamento. Nada.
	Quando ele viajou pro Rio, a mãe disse que ele ia fazer um teste, e que eu tinha que torcer pra ele passar.
	Eu não vi o teste dele, mas a porta do estúdio não tava bem fechada, e eu ouvi.
	Dei pra ele um texto curto, mas difícil. Primeiro ele travou, como em Porto Alegre. Pediu desculpas e queria ir embora.





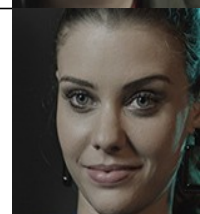
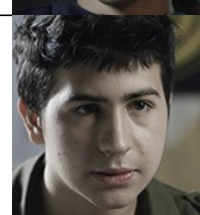
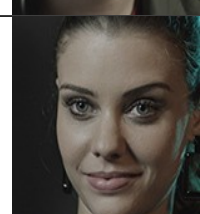
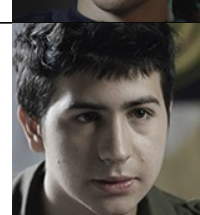
	<p>Não era o mesmo texto que os outros atores davam. Achei estranho.</p>
	<p>Eu só disse o seguinte: "Isso aqui não é mentira. É verdade. Dentro do filme é verdade. E tem que ser verdade pra você também".</p>
	<p>Então eu tava torcendo.</p>
	<p>Ele gritou as falas. Também atirou alguma coisa no chão que fez muito barulho.</p>
	<p>Um atuação perfeita. Sem ensaio. Sem explicar o personagem. Meu... Eu nunca tinha visto nada parecido. Impressionante.</p>
	<p>A gente tava bem curioso pra saber como tinha sido.</p>
	<p>Ele saiu e eu entrei logo depois. Eu tava nervosa; o meu teste não foi muito bom.</p>
	<p>Meu primeiro impulso foi escalar pro filme naquele momento. Mas segui o planejamento e chamei pro segundo teste.</p>

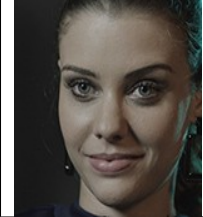

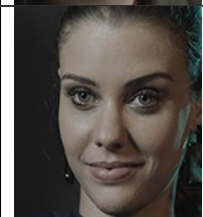
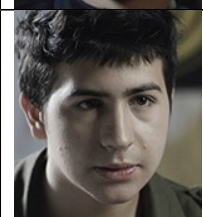
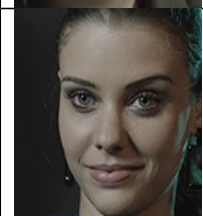
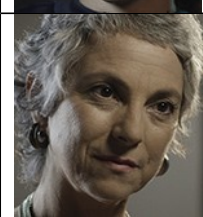
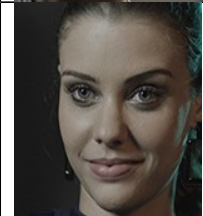

	Tava chovendo e eram seis da tarde. Ele tava tentando pegar um táxi. Eu entrei no carro e pensei: "Vou dar uma carona".
	Cada vez que tocava o telefone, a mãe corria pra atender.
	Eu gritei: "Entra. Nós vamos pro mesmo hotel". Era mentira. Mas dessa vez eu atuei bem. Ele acreditou e entrou.
	Era um papel importante. Era de coadjuvante, mas com muitas falas.
	Ele quase não falava. Era muito tímido. Larguei ele no hotel e disse que ia estacionar o carro.
	Eu pensava: se ele é bom assim, cru, imagina depois de passar por um período de preparação.
	Dei uma volta e pensei: o que que eu quero com esse velho?
	Ele era meio velho pro papel. Na verdade, também era meio velho pra começar uma carreira de ator. Mas aí eu olhava o vídeo do teste...

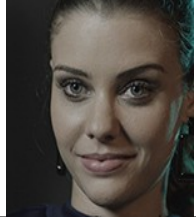
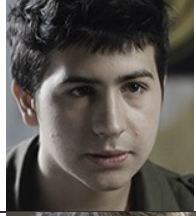

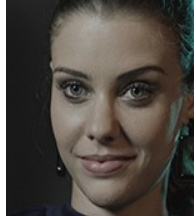
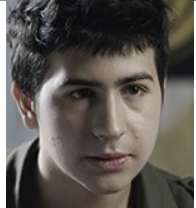
	Entrei no restaurante e vi ele numa mesa no fundo. Fui lá e pedi licença pra sentar. Ele disse: "Claro". E eu sentei.
	Pedi que o diretor viesse pro segundo teste.
	Peguei um quarto no hotel. Depois do jantar, nos despedimos e fui dormir.
	O segundo teste foi ainda melhor. O diretor disse que ele que ia fazer o filme. Não acreditou. Aí passamos pra ele uma minuta do contrato.
	Eu tinha um conhecido na produção e no final da tarde fiquei sabendo que ele tinha sido selecionado. E eu não.
	A relação dos dois não era da minha conta. Mas confesso que fiquei preocupada. Eu tinha conhecido a esposa dele lá em Porto Alegre.
	A gente jantou junto, de novo. Ele disse que já tinha marcado o voo. Que ele era professor de biologia e pronto. Eu disse que não ia deixar.
	Ele teria que ficar mais uma semana no Rio, fazendo a preparação pro filme. E já receberia um bom adiantamento. O filme tinha grana.

	<p>Bebemos duas garrafas de vinho. Eu falava sem parar. Dizia que era a chance da vida dele. Ele me olhava de um jeito estranho.</p>
	<p>Ele aceitou porque descobriu o talento dele. Ele tava gostando de atuar. Eu senti que pra ele era uma revelação quase... Existencial.</p>
	<p>Ele disse que ia dormir, porque o voo era muito cedo. Aí ele levantou e apertou minha mão. Nem beijo no rosto.</p>
	<p>Até aquela menina, que era péssima atriz, percebeu que ele era especial.</p>
	<p>Eu fui pro meu quarto, mas tava bêbada. E aí resolvi que aquela história não podia terminar daquele jeito.</p>
	<p>Que ele tinha uma coisa que ela não tinha.</p>
	<p>Fui até o quarto dele e bati na porta. Ele abriu. Não parecia surpreso. Eu entrei. Caminhei até a cama e tirei toda roupa.</p>
	<p>O pai sempre me falava que, no fundo, as pessoas não são tão diferentes assim dos bugios.</p>

	Dormimos juntos. Acordamos juntos. Eu tava feliz. Fui pro meu quarto tomar banho.
	Finalmente o pai ligou. Era de manhã. A mãe parecia feliz, mas, de repente, o rosto dela mudou.
	Ele não me contou do telefonema. Eu não sabia nem que ele era casado.
	A mãe ligou pro vô e pediu que ele fosse lá pra casa. Quando o vô chegou, se trancaram no quarto e eu ouvi a mãe chorar.
	Durante a semana de preparação, a gente dormiu junto todas as noites. Aí, devagarinho, ele foi me contando sobre a família.
	O vô saiu, puto da cara. Eu perguntei pra mãe o que tinha acontecido. Ela não conseguiu explicar.
	Eu... Acabei conseguindo um papel pequeno no filme. <i>(envergonhada)</i> A empresa de construção do meu pai foi uma das patrocinadoras.
	Foi horrível.

	<p>A preparação acabou, e ele ia ficar alguns dias em Porto Alegre. Eu disse pra não contar nada. <i>(pausa)</i> E ele disse que já tinha contado.</p>
	<p>A gente não foi pegar ele no aeroporto. A mãe disse que o carro tava estragado, mas eu sabia que era mentira.</p>
	<p>Eu não sabia se era pra ficar preocupada, ou se era pra ficar feliz.</p>
	<p>O táxi parou na frente de casa. Eu ouvi o barulho e fui correndo abrir a porta. Aí eu olhei pra rua e vi o vô com o revólver na mão.</p>
	<p>Eu não sabia o que devia sentir. Só queria que ele voltasse logo.</p>
	<p>O pai desceu do táxi e o vô berrou: "É verdade que tu traiu minha filha?" O pai disse: "É. É verdade". O vô levantou o revólver e deu três tiros no pai."</p>
	<p>Um tiro pegou de raspão na cabeça. Muito de leve. Outro pegou no ombro direito. Outro no braço esquerdo.</p>
	<p>O pai caiu. Pensei que ele tivesse morrido. A mãe chegou gritando. Mas o vô não sabia atirar muito bem. A mãe chamou uma ambulância.</p>

	Ele me ligou do hospital e contou o que aconteceu. Peguei um avião e cuidei do tratamento. Nessas horas, o dinheiro funciona.
	A polícia chegou e levou o meu vô pra delegacia. Ele ficou dois dias preso. Depois saiu.
	Ele contratou um advogado pro sogro. Inventaram uma história de tiros acidentais. Três! E ficou por isso mesmo. Não havia queixa.
	A gente não foi ver o pai no hospital. A mãe começou a tomar uns remédios e só dormia. E o pai nunca mais voltou pra casa.
	Duas semanas depois, convenci ele a ir pro Rio, pelo menos por um tempo. As filmagens já tinham começado, e ele perdeu o papel.
	Uma pena.
	Convenci papai a emprestar um apartamento desocupado num dos condomínios novos na Barra. Ele se mudou pra lá.
	Chamei ele pra outros testes. Ele não quis. <i>(pausa)</i> Nossa, olha, que talento... Um grande talento desperdiçado.

	<p>A gente decidiu morar juntos dois meses depois. Papai achou um absurdo. O que eu queria com um sujeito de quase quarenta e cinco anos?</p>
	<p>A mãe conheceu um outro professor. Só que de Matemática. Eu detesto Matemática! Mas ele é legal. Hoje é o meu padrasto.</p>
	<p>Eu mostro o vídeo daquele teste até hoje, e todo mundo fica impressionado.</p>
	<p>Devagarzinho, o tempo foi passando, e eles foram se aproximando. E agora que eu tô grávida o meu pai se rendeu.</p>
	<p>Eu não tenho saudade do pai. A única coisa que sobrou dele foi o Thor, essa iguana que ele me deu (<i>mostra a iguana</i>). Mas tenho saudade de ver os bugios.</p>

**CENA 10 - 2014 - NOVA IORQUE**

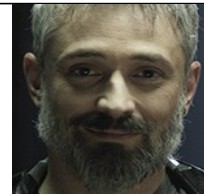
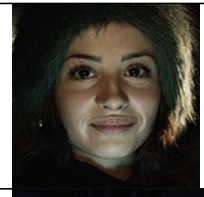
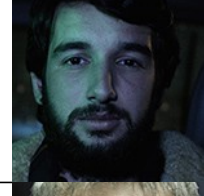
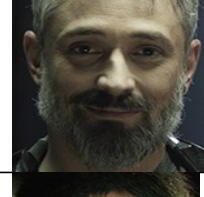
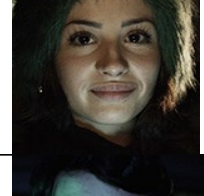
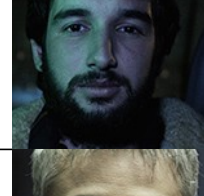
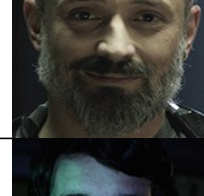

ESTUDANTE - 30 ANOS - Luciano Mallmann - CORREDOR C/CAIXAS/NOITE

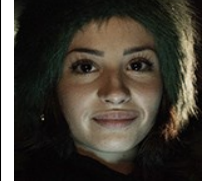


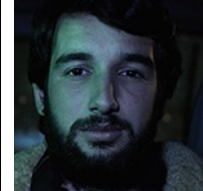
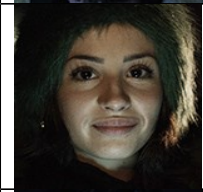
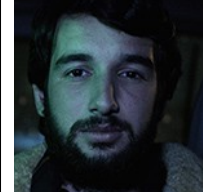
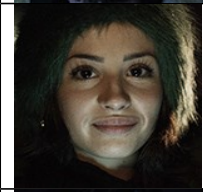
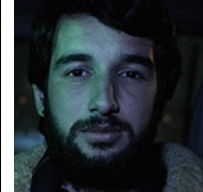
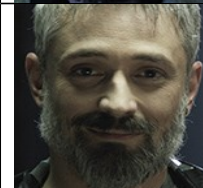
FILHA - 18 ANOS - Giulia Goes - TAXI/NOITE

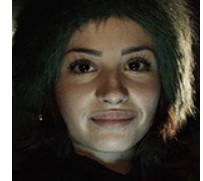
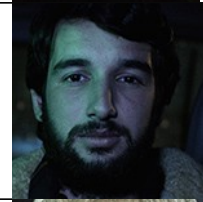
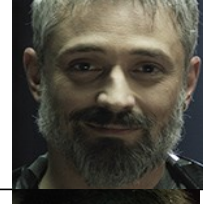
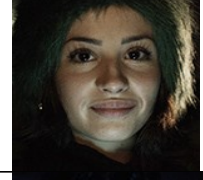
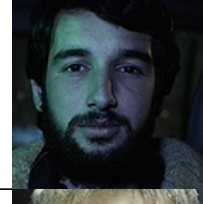

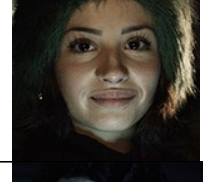
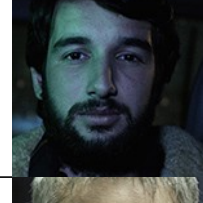

NAMORADO DA FILHA - 23 ANOS - Guilherme Cury - TAXI/NOITE

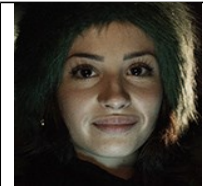
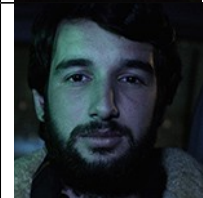
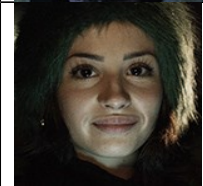
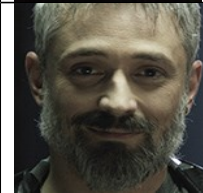
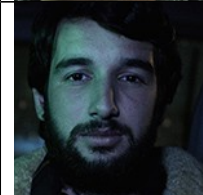
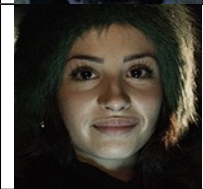
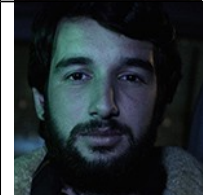

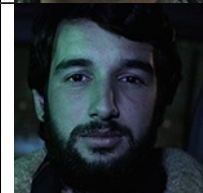
Quando acontece?

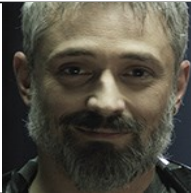
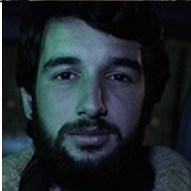
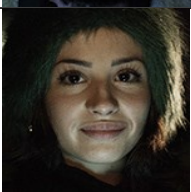
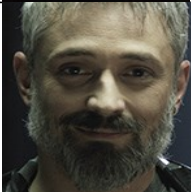
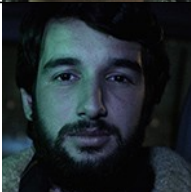
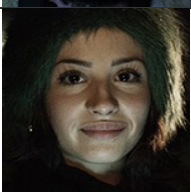
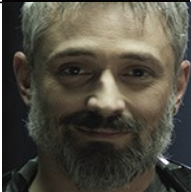
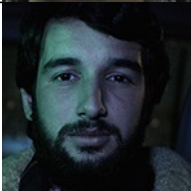

No final da estadia em Nova Iorque. Filha e namorado da filha estão no táxi, a caminho do aeroporto JFK.


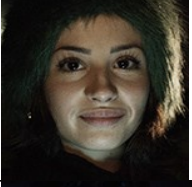
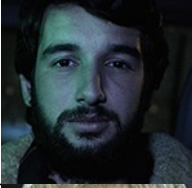
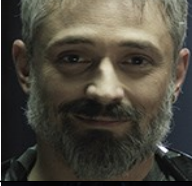
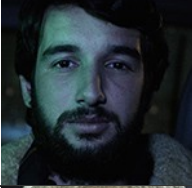
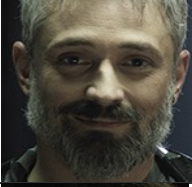
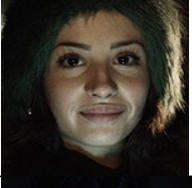
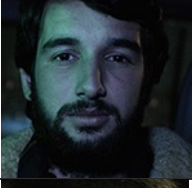

	A Columbia tem um programa para receber cientistas de outros países para um período de um ano de residência. O professor chegou no verão, com a esposa e a bebê.
	A viagem foi ideia do meu namorado, que já tinha vindo pra Nova Iorque e dizia que era a melhor cidade do mundo.
	Ela tava com dezoito anos e nunca tinha saído do Rio Grande do Sul.
	O professor tinha sido meu orientador no Brasil. Então fiquei ajudando ele na universidade, dando umas dicas...
	O meu pai tava aqui há uns meses. Além de dinheiro, ele mandava notícias de vez em quando.
	Eles não se viam há anos. Achei que era uma oportunidade interessante. Ela nunca tinha conversado de verdade com o pai. Nunca.
	O livro dele sobre a linguagem dos bugios teve repercussão internacional. Até o Edward Wilson conhecia o professor.
	Meus pais adoram ela. Se ofereceram pra pagar a passagem e o hotel. Eu achei ótimo.


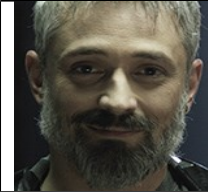
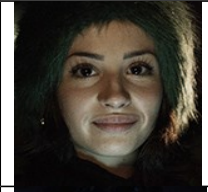
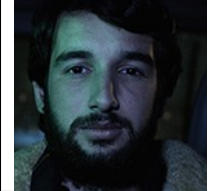
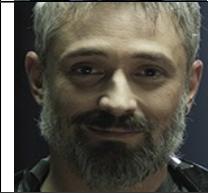
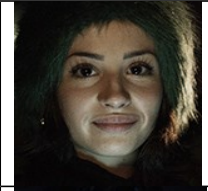
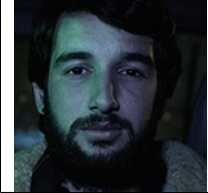


	A mãe não queria deixar. Disse que eu era muito nova.
	Eles ficaram num apartamento bem perto do Museu. O professor passava o dia inteiro lá, vendo as coleções.
	Aí o meu padrasto disse que eu devia ir. E ele convenceu a minha mãe. Mas, quando tava tudo combinado, meu irmão fez um escândalo.
	O irmão dela é um babaca.
	Ele disse que o pai tava sempre nos comprando, e que agora meu namorado tava fazendo a mesma coisa.
	Um idiota completo, de terno e gravata, se fazendo de importante. Era advogado. E daí? Eu conheço uns dez advogados com a idade dele.
	Eu disse: "Tu tá reclamando que ele pagou a tua faculdade inteira? E que pagou todo colégio pra mim? Eu ia reclamar se ele não pagasse!"
	A gente viajou no começo de fevereiro. Em Nova Iorque tava dez graus abaixo de zero.
	O professor não tinha muito tempo, então ajudei a esposa dele a comprar umas roupas. Levei nas lojas, essas coisas...




	Como tava frio! Na primeira semana, a gente ficou só passeando e se divertindo.
	Ela adorou a neve e pirou com os esquilos do Central Park. Queria até levar um pro Brasil.
	A esposa dele era bem inteligente. Eu tava começando um seminário sobre Evolução, e ela perguntou se não podia assistir algumas aulas.
	Eu tava com um pouco de medo de ver meu pai. As lembranças que eu tinha dele eram meio confusas. Mas o meu namorado me empurrou.
	Ela tinha que acabar com esse medo.
	Eu consegui uma licença pra ela. Assistimos ao seminário juntos. A bebê ficava numa creche. A gente foi se conhecendo...
	A gente marcou no Museu de História Natural. O pai disse que ia me mostrar umas coisas.
	Ela foi conversar com o pai, e eu fiquei olhando o Museu.
	A coisa foi evoluindo...

	O que ele me mostrou... E o que ele me contou... E quanto mais coisas eu via, mais entendia meu pai.
	Quando olhei pro relógio, eram mais de cinco da tarde. O Museu já ia fechar.
	Eu senti o amor do meu pai por tudo aquilo... Pela vida, qualquer vida.
	Normalmente, quando o Seminário acabava eu dava uma carona pra esposa do professor. Tava frio pra andar de metrô.
	Aí eles voltaram. <i>(pausa)</i> Pai e filha abraçados, com lágrimas nos olhos.
	De alegria da gente estar junto. Foi lindo.
	Quando ela me apresentou o pai, eu simpatizei com ele. Mas aí pensei: vai ser foda ter dois sogros.
	Passamos no Museu pra pegar o professor, e acabamos levando também a filha e o namorado. Ficou meio apertado...
	Naquele trajeto, que durou uns quinze minutos, eu percebi claramente que a esposa do professor tava transando com o cara.

	Nós sempre fomos muito discretos. O professor não desconfiava de nada. Até aquele menino aparecer.
	Ela simplesmente abriu a boca e eu saquei: cada frase, cada palavra, cada letra que aquela mulher dizia tinha alguma mentira.
	A gente chegou no hotel. O meu namorado me chamou num canto e disse: "Teu pai tá levando chifre." Eu ri. Disse que ele tava louco.
	Nós não tínhamos um plano, não tínhamos nem falado a respeito. Mas ai tivemos que parar e pensar sobre o futuro.
	Eu não tinha provas, claro. Achei melhor ficar quieto. Não era assunto meu.
	Pedi pra ele parar com a brincadeira, e ele me ouviu.
	O professor pediu que eu fizesse uma reserva pra levar todo mundo pra jantar. Inclusive eu. Recusei. Mas ele insistiu tanto que eu tive que ir.
	Nesse jantar as coisas ficaram tão óbvias... Os dois evitavam se olhar, evitavam ficar perto, se tratavam como desconhecidos.
	A comida tava ótima, e eu aproveitei pra conversar mais um pouco com o pai, mas o clima tava estranho.

	Um terror. Aquele menino me olhava e parecia saber. Mas como?
	Ele é muito bom nisso. Tem um talento natural e ainda tá estudando psicologia.
	Bobagem! Qualquer um podia ver. Era só ficar com os olhos bem abertos.
	No outro dia, depois de largar a menina na creche, fomos prum hotelzinho ali perto. Primeiro decidimos acabar com o nosso caso.
	Qualquer um que <i>queira</i> ver.
	Depois nos beijamos. Depois a gente transou a tarde inteira. E depois a gente decidiu contar toda a verdade.
	A gente se encontrou uns dias depois no Museu. Ele tava arrasado. Me contou o que tinha acontecido. E eu fiquei com muita pena dele.
	Foi muito rápido. Em menos de um mês, aqui em Nova Iorque, tudo se resolveu.
	Que cadela! Se mudou e pronto. E o cara vai morar com ela.

	Normalmente o que complica uma separação é o dinheiro. Ela tem tanto dinheiro que nada é problema.
	Alugou um apartamento grande. Mobiliou em três dias. E se mudou com a filha. Eu vou pra lá aqui a pouco.
	Eu liguei pra mãe e contei a história. Sabe o que ela fez? Ela riu. O meu irmão também! Eu fiquei chocada.
	Chocada com o quê? Foi uma reação bem natural.
	Um outro aluno da pós-graduação vai cuidar do professor. Ele ainda tem alguns meses em Nova Iorque. Mas... Acho melhor a gente não se ver por um tempo.
	Eu falei ontem com o pai, e ele disse: "Não te preocupa. Eu vou me recuperar". Espero que sim.
	Eu gostei mesmo do velho. Não merecia levar guampa. Não entendo nada de biologia, mas comecei a ler o livro dele sobre os bugios. É muito bom!
	Não sei se vai dar certo, mas vamos tentar. Tem a questão da bebê. Talvez a gente volte pro Brasil, talvez fique por aqui.
	Eu perguntei o que ele ia fazer, se ia voltar pro Brasil, e ele disse: "Não sei".

	Ela quer ser atriz; eu disse que conheço Los Angeles. Quem sabe, né?
	Como é que um cara que consegue ver tanta coisa numa família de bugios não consegue ver o que tá acontecendo com a família dele?
	Eu tava tão feliz... Tinha entendido um pouco como é o meu pai. <i>(pensa)</i> Mas acho que ele ainda não se entendeu direito. <i>(olha pela janela do táxi, e depois para a câmera)</i>

**CENA 11 - 2024 - MEDICINA**

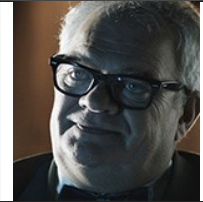
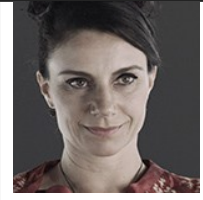
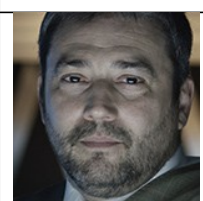

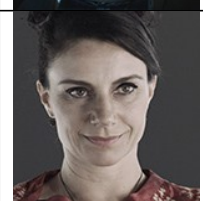
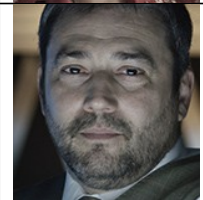

VIZINHO MÉDICO - 60 ANOS - Zé Victor - CORREDOR C/ELEVADOR/NOITE


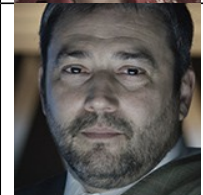

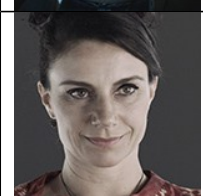
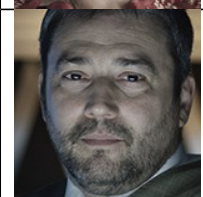

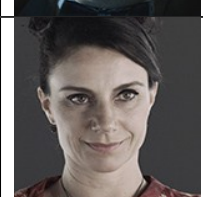
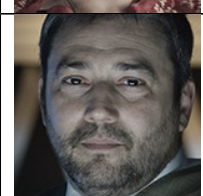

MASSAGISTA TANTRA - 50 ANOS - Fernanda Carvalho Leite - OCA/DIA



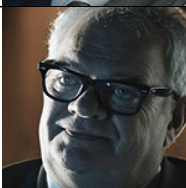
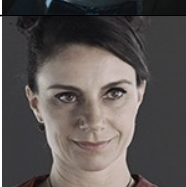


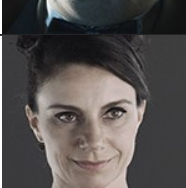


DIR. DE FACULDADE - 55 ANOS - Charlie Severo - ESCRITÓRIO/NOITE

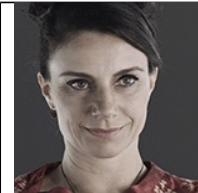
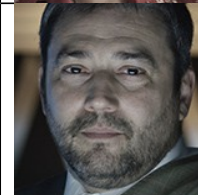
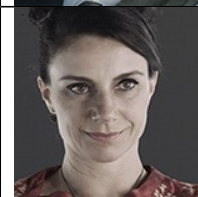

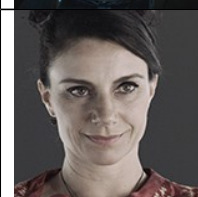
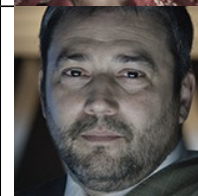
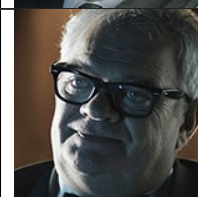
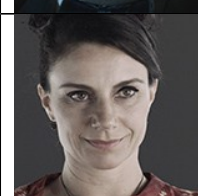
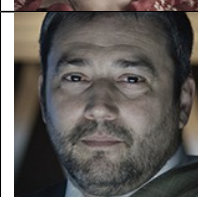
Quando acontece?


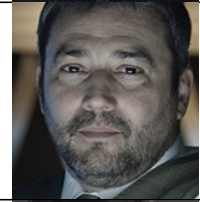
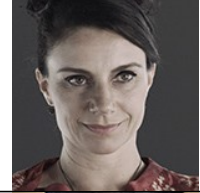
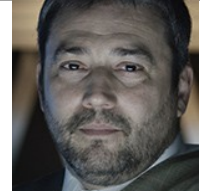

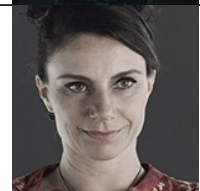
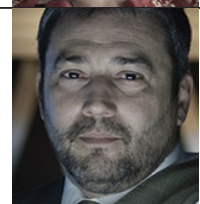


O Herói acaba de se mudar para o apartamento da massagista tântrica.

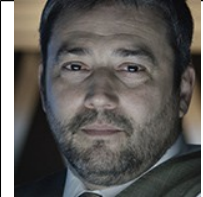

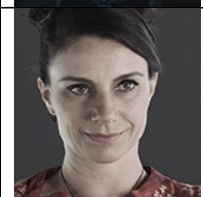
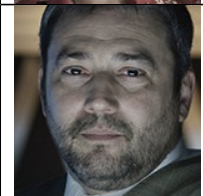
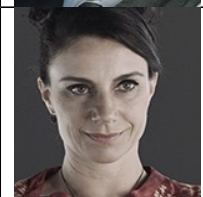

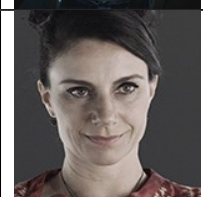
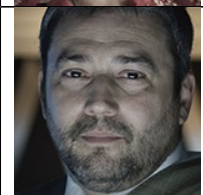

	Foram oito anos dizendo bom dia e boa noite no elevador. E só.
	Eu já conhecia outras terapias, mas foi no tantra que eu me achei.
	Ele era um cientista de renome, tinha artigos na Nature e na Science.
	Em todo esse tempo, eu só vi uma pessoa subindo no elevador com ele.
	Fiz o curso na Índia no final de 2010. Abri o consultório e até hoje tô com a agenda lotada.
	Mas a nossa política é que todos os professores deem aula na graduação.
	Era uma filha. Fora ela, solidão absoluta. Eu achava estranho. Ele era um cientista importante.

	Atendo todas as idades e todos os gêneros. O tantra é universal. Se tu é um ser sexuado, o tantra pode te ajudar.
	Ele não publicava há anos, mas continuava pesquisando.
	Uma namorada que eu tive trouxe um livro pra autografar. Bati na porta. Ele abriu, assinou e fechou a porta. Não disse uma palavra.
	Tenho vários médicos como clientes. Dou um desconto... Afinal, somos todos terapeutas. E eles me mandam os clientes deles.
	Ele tava escrevendo um livro. Um livro pra ganhar o Nobel.
	As portas dos nossos apartamentos ficam a cinco metros uma da outra. E a gente nunca tinha conversado.
	A sensação de tempo desaparece, as preocupações vão embora, ou simplesmente são esquecidas. É o relaxamento absoluto.
	Ele tava com sessenta e cinco, uma boa idade pra se aposentar. Mas ele queria continuar por mais alguns anos.
	Uma noite cheguei de uma festa com uma puta bem jovem.

	As pessoas acham que o tantra tá sempre relacionado com sexo. Na verdade, o tantra trabalha a energia vital. É muito diferente.
	Foi muito difícil fazer o que fiz. Mas não tinha outro jeito.
	Ele chegou na mesma hora que eu e entrou no elevador. Não sei porque, a menina resolveu sacanear e tirou a parte da frente do vestido.
	A massagem da próstata libera uma quantidade incrível de estresse e é acompanhada da massagem no lingam... O bastão de luz. O pênis.
	A aula era sobre seleção sexual. Um assunto difícil.
	Ele olhou pros seios da puta e começou a chorar. Chorava muito. Soluçava. Um troço maluco.
	O objetivo é colocar o homem em contato profundo consigo mesmo, e assim ele se entrega a novas formas de prazer.
	Ele tava falando sobre estratégias das fêmeas para obter o melhor macho. Uma aluna perguntou se o batom era uma estratégia desse tipo.
	Eu fiquei... Desconcertado. A porta do elevador abriu e nós saímos. Ele correu pro apartamento dele, entrou e fechou a porta.

	<p>É uma massagem demorada. Mais de uma hora. Primeiro a musculatura de todo corpo precisa tá bem relaxada.</p>
	<p>Ele disse que o baton era estratégia sim. E deu outros exemplos.</p>
	<p>Aí começa o estímulo da região anal, de toda a musculatura pélvica, do lingam, dos testículos...</p>
	<p>Eu brochei na hora. Mandei a prostituta pra casa e bati na porta dele. Bati sem parar, por uns cinco minutos.</p>
	<p>A ejaculação pode acontecer, mas esse não é o objetivo. O objetivo é a liberação física, emocional e energética.</p>
	<p>Ele chegou perto e apontou a roupa dela, a maquiagem, o cabelo, o silicone nos seios...</p>
	<p>Finalmente ele abriu a porta. Pedi para entrar, disse que era médico e que tava preocupado com ele. Ele deixou.</p>
	<p>Não é uma massagem sexual. É uma terapia. Não é fácil. Eu cobro caro. Se alguém interpreta errado, sinto muito.</p>
	<p>Aí ele encostou na alça do sutiã dela. Os outros estudantes riram, e ela ficou furiosa. Ele parou. Mas o dano já tava feito.</p>

	O apartamento não tinha muita decoração. Eu só via livros. Fiz ele sentar na única poltrona da sala.
	Um estudante gravou tudo com o celular e postou na internet.
	A psicanálise às vezes demora um ano pra conseguir o que eu consigo em uma hora e quinze minutos.
	A aluna entrou com um processo, ameaçou a universidade. E ele teve que sair.
	A gente conversou a noite inteira. Ele contou que tinha sido demitido e não era mais professor.
	Esse tipo de massagem só aceito com hora marcada, e sempre me informo antes sobre o cliente.
	Também disse que a universidade não podia mais publicar o livro. E ele disse: "Que livro?".
	Pelas cinco da manhã perguntei: "Quando foi tua última relação sexual?" E ele respondeu: "Há dez anos."
	Ele veio recomendado por um grande amigo, médico, que também tinha sido meu cliente.

	Ele não tinha escrito nada. Só tinha milhares de dados sobre bugios. Número e mais números. Um absurdo.
	Perguntei pra ele por que. Ele disse que o sexo tinha ficado difícil pra ele. E começou a chorar de novo. Fiquei com medo que ele entrasse em depressão profunda. E aí lembrei de uma amiga terapeuta.
	Na primeira consulta, não consegui relaxar. Às vezes isso acontece. Mas, na segunda, já começou a melhorar. <i>(pausa)</i> O lingam despertou.
	A aluna ainda não tava satisfeita. Abriu um processo contra ele, por assédio sexual, e fui convocado como testemunha.
	Raramente eu tenho contato pessoal com os clientes. Mas ele parecia tão confuso depois da massagem que ofereci uma carona.
	Ele bateu na minha porta. Queria agradecer. Antes da massagem ele achava que o sexo tinha terminado pra ele.
	Ele tinha sessenta e cinco anos, um monte de vida pela frente.
	Eu disse pro juiz que ele certamente tava arrependido e que tudo aquilo tinha ido longe demais.
	Queria saber mais da minha amiga terapeuta. Se era casada, se era sozinha.

	E ele disse que não tava arrependido. Ele só tava dando aula e falando a verdade.
	Eu disse pra ele não se entusiasmar muito, porque ela costumava ter uns namorados muito jovens.
	Na época eu tava com um guri de vinte e cinco. Um amor. Mas tão bobinho. Dispensei o guri e fiquei com o velho enxuto.
	No final, fizeram um acordo. Um monte de dinheiro. Ele teve que vender o apartamento pra pagar.
	Foi uma pena. Perdi o vizinho. Mas não perdi o amigo.
	Ele se mudou pro meu apartamento.
	Às vezes a gente sai, os três. Tô achando que um dia vai pintar uma coisa diferente... Um ménage... Essas novas pílulas fazem milagre.
	Encontrei um homem de verdade. Eu falei pra ele que queria ter um filho." E sabe o que ele disse?: "Eu quero dois. Um casal". E nós vamos tentar.

**CENA 12 - 2049 - ANIVERSÁRIO**


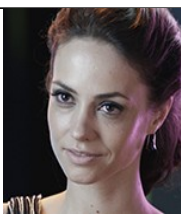


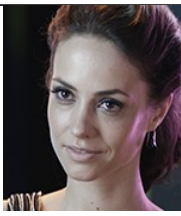

FILHO DA FESTA - 32 anos - Bruno Torres - GARAGEM/DIA


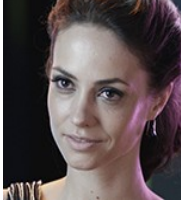

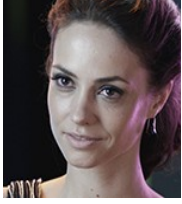

FILHA DA FESTA - 34 anos - Rosanne Mulholland - GARAGEM/DIA

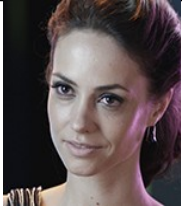



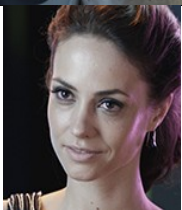

EXOBIÓLOGA - 40 ANOS - Maria Fernanda Cândido - ESCRITÓRIO/NOITE

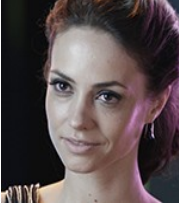




Quando aconteceu?

Pouco depois de nascer o filho do Heroi com a Exobióloga.

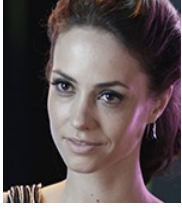


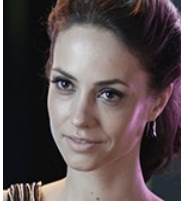


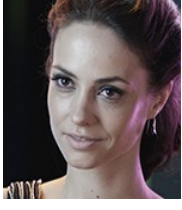
	<p>O pai não queria festa. Brigou, esperneou, mas não teve jeito. A mãe resolveu que ia fazer festa. E fez. Eu e a mana ajudamos.</p>
	<p>Pra cem anos, o pai tava bem. Só quatro órgãos artificiais: o fígado, o pâncreas, o coração e um dos pulmões. Normal pra idade dele.</p>
	<p>Ele me disse que eu era a única pessoa que ele tinha convidado, achei que tinha que ir. E fui.</p>
	<p>A mãe alugou uma casa grande e convidou todos os parentes do pai, inclusive alguns que tinham morrido e ela não sabia.</p>
	<p>Morrer é cada vez mais uma opção. Mas acidentes acontecem.</p>
	<p>Ele me apresentava pra todo mundo assim: "Essa é a deusa de Encélado". E as pessoas sorriam, sem graça, sem entender nada.</p>


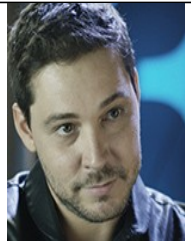

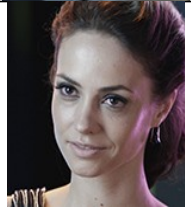

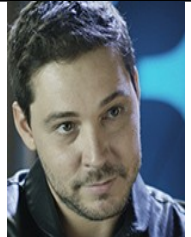
	<p>Tinha uma mulher muito bonita que não era da família e ninguém conhecia, só ele. A mãe ficou morrendo de ciúmes, com toda razão.</p>
	<p>A mãe sempre foi bem... liberal. Mas acho que aquilo foi demais pra ela.</p>
	<p>A mulher dele começou a me olhar meio atravessado. Eu pensei em ir embora, mas... Tinha que esperar o bolo, o parabéns...</p>
	<p>O pai tinha me falado sobre uma cientista que tava estudando uma lua de Saturno chamada Encélado. Devia ser ela.</p>
	<p>Comigo, não tinha falado nada. O mano sempre teve mais intimidade com o pai. Duas pessoas que só falam a verdade têm que se entender bem.</p>
	<p>Tentei ficar longe dele, pra parar essa conversa de deusa. Mas ele vinha atrás de mim.</p>
	<p>A família inteira em volta dele. Algumas pessoas que ele não via há muito tempo. E ele só olhava praquela mulher.</p>

	<p>A mãe me perguntou se eu sabia alguma coisa. Eu disse que não. Depois perguntei pro mano quem era a mulher, e ele disse que era uma colega da universidade.</p>
	<p>Eu falei a verdade. Nem toda a verdade, mas a verdade. <i>(pausa)</i> Eu entendo ele. Entendo bem. Ele não tem culpa se não consegue esconder.</p>
	<p>Então eu disse que tava chateada. E ele parou. Pediu desculpas, disse que tava senil.</p>
	<p>Logo depois do parabéns a mulher foi embora. E a mãe viu que o pai ficou triste.</p>
	<p>Era óbvio que ele não tava senil. Ele tava levando a brincadeira longe demais.</p>
	<p>Eu pensei que tinha que proteger a mãe, que tinha se esforçado tanto pra fazer a festa. E disse que ela tava imaginando coisas.</p>
	<p>Eu tinha recebido os primeiros registros da sonda que mandamos pra Encélado, e ele tinha examinado comigo.</p>

	Disse pra mãe que a mulher era só uma colega de trabalho, que a relação deles era profissional.
	Ele achou que os registros eram um sinal claro de vida inteligente. Eu não tinha tanta certeza.
	A mana sabe mentir.
	É difícil imaginar seres vivos vivendo num mar subterrâneo, em temperaturas tão baixas. Mas ele disse que eles tavam lá.
	Eu até entendo porque as pessoas mentem. Só não consigo fazer a mesma coisa.
	O mano tem exatamente a mesma mutação do pai.
	Também disse que a sonda devia parecer um deus para os eleusianos. Se eu tinha mandado um deus, então eu era uma deusa.

	<p>Depois que ela saiu, o pai me chamou num canto e disse que tava apaixonado. Cem anos, e apaixonado!</p>
	<p>Eu adoro eles, mas às vezes são muito irritantes.</p>
	<p>Se tudo der certo, a gente vai enviar uma sonda tripulada, e continuar a pesquisa.</p>
	<p>Eu disse que ele era louco.</p>
	<p>Eu pedi que ele ficasse quieto, e ele disse que ia tentar.</p>
	<p>Ele tinha passado a vida toda tentando compreender o que os bugios dizem. Uma espécie de macacos, que tá extinta há mais de 40 anos.</p>
	<p>Ele me olhou bem sério e disse: "Louco é quem não se apaixona". Ele ainda riu e disse: "Se eu tivesse meus oitenta e poucos...".</p>

	<p>Quando todo mundo saiu, o pai foi descansar. E ficamos só eu, o mano e a mãe. A mãe perguntou pro mano: "Teu pai tá apaixonado por aquela mulher?"</p>
	<p>E agora ele tinha certeza que a linguagem dos bugios tinha relação com os dados de Encélado. Se ele tem razão, nós fizemos contato com uma espécie social.</p>
	<p>E eu tentei ficar quieto. Tentei mesmo. Mas a mãe insistiu, e eu acabei dizendo: "Sim. Ele tá apaixonado por aquela mulher."</p>
	<p>(Reação da filha)</p>
	<p>A primeira linguagem fora da Terra. O primeiro contato com alguma coisa parecida com a gente.</p>
	<p>A mãe ficou um tempo parada. Depois subiu até o quarto do pai. Tentou falar com ele, mas não conseguiu. Ele tava desmaiado.</p>
	<p>O derrame do pai foi uma surpresa pra todo mundo.</p>

	Perdeu os movimentos da cintura pra baixo.
	Quando se recuperou, o pai contou a verdade pra mãe. Toda a verdade.
	Ele se separou e veio morar comigo. Disse que não tinha condições de fazer sexo, e que roncava demais pra dormir junto.
	A mãe acabou aceitando. Sabia que o pai era um homem diferente. Continuam amigos.
	Ele queria ter um mais um filho. A gente usou o banco de esperma. Nosso filho nasceu e fiquei muito feliz.
	Esse é o pai!

**CENA 13 - 2070 - ENCÉLADO**








FILHA/MÉDICA - 56 ANOS - Maitê Proença - HOSPITAL/DIA


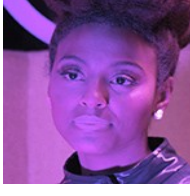
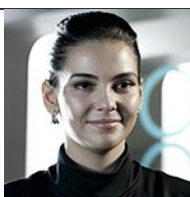

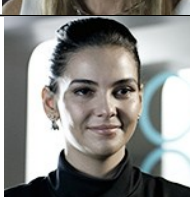
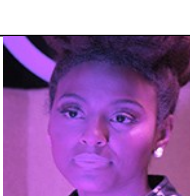

NETA/BIOGRAFA - 46 ANOS - Tainá Muller - HOSPITAL/DIA





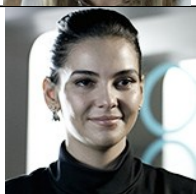

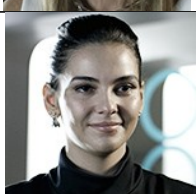

HABITANTE DE ENCÉLADO - 40 ANOS - Sheron Menezes - HOSPITAL/DIA

Quando acontece?

Logo depois da morte do Herói.

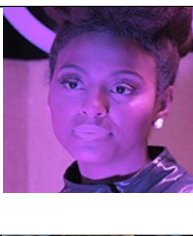
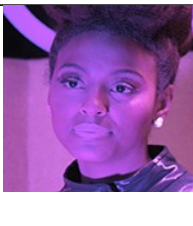
	<p>Já tinham escrito muita bobagem sobre o vô. Ele não ligava, mas eu, sim.</p>
	<p>Nos últimos anos era eu que estava acompanhando a saúde do pai.</p>
	<p>As duas não gostavam quando ele conversava comigo. <i>(sorrindo)</i> Sou uma alucinação. Tudo bem. Alucinações são importantes.</p>
	<p>Eu tinha terminado meu mestrado há pouco e achei que fazer a biografia era quase uma obrigação.</p>
	<p>Apesar da paralisia, ele estava bem. Só piorou quando a esposa embarcou pra Encélado com a criança.</p>
	<p>Eles estavam em órbita estacionária. Não tinham decifrado a nossa linguagem, mas nós já tínhamos decifrado a deles.</p>
	<p>A minha ideia era contar os momentos decisivos da vida dele. O desafio era achar esses momentos.</p>

	As alucinações me deixaram preocupada. Eram um sinal evidente de danos cerebrais. E a medicação não fazia efeito.
	Todas as formas de vida são contingentes, e cada planeta é uma experiência. Como ele não sabe como eu sou, imaginou como quis.
	Não é fácil contar a vida de um homem com cento e onze anos que teve quatro famílias.
	Mas a existência de uma linguagem é requisito universal para uma sociedade. Ele mesmo escreveu isso.
	As próteses ainda davam certa mobilidade, mas ele tava cansado. Nos últimos meses não saía mais da cama.
	A memória do vô era ótima, mas quando a tal visitante de Encélado chegou ele ficou mais confuso.
	A linguagem é uma ponte entre dois seres. Ou entre dois mundos. É o contrário da confusão. É um meio poderoso de colaboração.
	Ele me disse: "Quando eu pedir pra desligar tudo, desliga".

	Alguém diz uma coisa, o outro entende. E uma ação conjunta surge daí.
	Ele tinha esse direito. É a lei. Pra desligar, ele só precisava de mim.
	Uma noite ele me contou por que decidiu estudar biologia. Foi tudo culpa de um livro.
	Eu já ouvi essa história mil vezes. O livro começava mais ou menos assim: "Camus disse que a única questão séria é o suicídio."
	"Isso é um erro, inclusive no sentido estrito em que foi dito."
	"O biólogo, interessado em problemas de fisiologia e na história da evolução..."
	"...se dá conta que o conhecimento de si mesmo está forjado e condicionado por centros emocionais de controle do cérebro."
	"E o que deu origem a esses centros emocionais? A resposta é: eles evoluíram por seleção natural."

	<p>"A própria existência, e o suicídio que a extingue, não constituem o problema central da Filosofia."</p>
	<p>Na Terra, em Encélado, ou em qualquer outro lugar. O problema é saber de onde viemos e porque somos assim. O resto vem depois.</p>
	<p>Então eu disse que queria entrevistar a tal namorada que tinha o livro grande de capa verde do Ed Wilson.</p>
	<p>Era só uma brincadeira, lógico.</p>
	<p>Mas ele disse: "Por que não entrevista?" Eu disse que talvez ela já tivesse morrido. E ele disse: "Eu sei quem pode te ajudar".</p>
	<p>Ele pediu que eu ajudasse a neta. Ela tava escrevendo um livro sobre a vida dele e queria fazer algumas entrevistas.</p>
	<p>Eu embarquei na loucura dele, fiz uma lista das pessoas com quem eu queria falar e mostrei pra ele.</p>
	<p>A partir daí, as alucinações ficaram mais fortes e mais frequentes.</p>

	Trinta e seis pessoas. Depois me passou mais três. Essas últimas três eram eu, a filha e a neta, que estavam sempre lá.
	Ele me perguntou se tinha mais algum tempo. Eu disse que sim, que provavelmente ele ainda tinha alguns anos pela frente.
	Eu devia começar logo, porque ele ainda queria ver todas as entrevistas antes de morrer.
	Se a mulher dele era uma deusa em Encélado, eu era uma deusa na Terra. Faz sentido. As entrevistas começaram.
	Ele disse que precisava só de mais alguns dias. Então começou a falar sozinho.
	Falava horas sem parar. E eu gravava tudo.
	Aumentei a dose dos calmantes, mas ele percebeu e reclamou.
	No fim, ele já tava cansando. A história de um indivíduo pode ser tão longa quanto a história de uma espécie.

	Os sinais foram caindo aos poucos: temperatura, pressão, pulso, respiração...
	Cada vez mais fraco, um fiapo de voz, mas ele não parava.
	Ele parecia possuído. Não era mais ele. Era um monte de gente.
	Eu pensei: tá na hora de chamar todo mundo.
	Quando a última entrevista terminou, ele me agradeceu e perguntou sobre a mulher e a filha. Eu disse que estavam bem.
	Ele disse pra desligar tudo. Perguntei quem nós deveríamos chamar.
	E ele disse: já estão todos aqui. E parecia que tava falando a verdade. Como sempre.
	Ninguém escolheu a hora dele nascer, mas ele mesmo escolheu a de morrer. É justo.



Nós desligamos tudo.



E ele fechou os olhos aos poucos.

**EPÍLOGO (E INSERTS PARA CENAS)****13 HOSPITAL/DIA - Filha/médica e neta/bióloga desligam as máquinas**

- (a) Neta e filha desligam máquina
- (b) Luzes e mostradores se apagam

**12 GARAGEM/NOITE - Aniversário de 100 anos**

- a) Exobióloga aperta a mão de alguém e sorri, meio sem jeito
- b) Exobióloga olha em volta. Filho e filha, atrás dela, estão desconfiados
- c) Exobióloga canta o Parabéns a Você

**11 OCA TÂNTRICA/DIA - Massagem tântrica da terceira mulher**

(PV do Herói)

- a) Começo da massagem
- b) Massagem mais vigorosa
- c) Final da massagem

**10 MUSEU/DIA - Filha se reconcilia no Museu**

- a) Coleções de insetos e outros animais
- b) Mais coleções. Insetos, aranhas...
- c) Vemos o rosto da filha, maravilhada, olhando para um vídeo (ou um mostruário) e depois para a câmera

**9 QUARTO DE HOTEL/NOITE - Atriz carioca tira a roupa**

- a) Atriz caminha até uma cama e, sempre olhando para a câmera, tira toda roupa
- b) Atriz olha para a câmera e sorri

**8 COPA/NOITE - Telefonema do Rio**

- a) Mulher ouve alguma coisa no telefone
- b) Mulher ouve por um momento, depois coloca o telefone no gancho. Coloca a mão na boca, olha para alguém que está fora de quadro.

**7 ZOO/DIA - Olhando os chimpanzés**

- a) Mão masculina (Herói) preenche planilha de etologia (ver modelo)
- b) Chimpanzés interagindo (plano mais aberto)
- c) Chimpanzés se coçando (grooming)
- d) Chimpanzés comendo
- e) Chimpanzés mães e seus filhos

- f) Expressões variadas dos chimpanzés (se for possível, olhando para a câmera)
- g) Tratadora olhando para a jaula

#### **6 JK/NOITE - Namorada nua e livro**

- a) Namorada, nua, lê "Sociobiologia", de Edward O. Wilson
- b) Um braço entra em quadro (PV do Herói) e começa a acariciar a namorada
- c) Câmera aproxima-se da namorada, que larga o livro aberto ao seu lado, sobre a cama
- d) Câmera sobre a namorada (PV do herói). Ele olha para a namorada (que está de olhos fechados), depois para o livro aberto, depois para a namorada (agora de olhos abertos), depois para o livro aberto. E fica lendo

#### **5 CAMA/NOITE - Mulher esperando na cama**

- a) PM - Mulher na cama, de calcinha, olhando para a câmera
- b) TRAV À FRENTE - PM-MPP - Câmera vai se aproximando da Mulher, lentamente. Ela sorri, convidativa
- c) TRAV À FRENTE - MPP-PP. Câmera continua se aproximando. Mulher molha os lábios com a língua e continua sorrindo

#### **4 ESCADA/NOITE - Confissão para a tia do céu**

- a) Tia do céu guarda coisas em sua bolsa. Barulho de passos chegando. Tia do céu olha para a câmera
- b) Tia do céu olha para a câmera e ouve a "confissão":
- c) Tia do céu aproxima-se um pouco e estende a mão na direção da câmera. Barulho de passos se afastando. Tia do céu acompanha a saída do herói da sala

#### **3 SALA DE AULA/DIA - Menina (coleguinha do colégio) e seu caderno**

- a) Menina abre o caderno. Folha em branco.
- b) Menina, com caderno com página em branco, olha para a câmera
- c) Menina, apavorada, olha para o chão (onde o Herói está caído)

#### **2 CORREDOR/NOITE - Empregada amamenta bebê**

- a) Empregada com bebê chorando no colo
- b) Empregada não sabe o que fazer; balança o bebê
- c) Empregada dá seio para bebê, que começa a mamar
- d) Empregada sorrindo e chorando, porque lembra de seu filho

**1 CAMA DE CASAL/NOITE - Pais transam**

- a) Pai olha para Mãe; beijam-se
- b) Início da transa
- c) Transando
- d) Fim da transa, orgasmos e ejaculação

**0 CONCEPÇÃO - Animação ou imagens de microscópio**

- a) Espermatozoides nadando
- b) Espermatozoide encontra óvulo
- c) Primeira divisão celular

**FADE-OUT**